

Sexta Edição

Teorias da Personalidade



Jess Feist

McNeese State University

Gregory J. Feist

University of California, Davis

Tradução

Ivan Pedro Ferreira Santos

Cecília Mattos

Revisão Técnica

Maria Cecília de Vilhena Moraes Silva

Docente da Pontifícia Universidade Católica — PUC/SP

Odette de Godoy Pinheiro

Docente aposentada da Pontifícia Universidade Católica — PUC/SP

DEDALUS - Acervo - FMRP



11200063294

38342

BIBLIOTECA CENTRAL
FACULDADE DE MEDICINA
DE RIBEIRÃO PRETO-USP



Bangcoc	Beijing	Bogotá	Caracas	Cidade do México
Cingapura	Londres	Madri	Milão	Montreal
Nova Delhi	Nova Iorque	Santiago	São Paulo	Seul
Sidnei	Taipé	Toronto		

Erikson: Teoria Pós-freudiana

◆ Visão Geral da Teoria Pós-freudiana

◆ Biografia de Erik Erikson

◆ O Ego na Teoria Pós-freudiana

Influência da Sociedade

Princípio Epigenético

◆ Estágios do Desenvolvimento Psicossocial

Primeira Infância

Segunda Infância

Idade do Jogo

Idade Escolar

Adolescência

Juventude

Idade Adulta

Velhice

Resumo do Ciclo de Vida

◆ Os Métodos de Investigação de Erikson

Estudos Antropológicos

Psico-história



Erikson

◆ Pesquisa Relacionada

Produtividade e as Mudanças da Vida

Produtividade e a Condição de Ter e de Criar Filhos

◆ Crítica a Erikson

◆ Conceito de Humanidade

◆ Termos e Conceitos Essenciais

Quando c
de seu p
mília se emp

Filho c

Na primeira

Homburger,

ceber que ac

binavam cor

explicação, i

sen — seu p

ficar grávida

história por

nascer. Fina

mãe com un

nesta terceir

procurava o

Duran

confusão de

faziam-no p

como judeu,

Quanc

identidade c

30 anos dep

perdeu o int

uma certa c

língua de su

60 anos. Al

dinamarquê

onde ele nu

Visão

A pessoa q

cunhou o te

sitária, mas

uma varieda

história e o

Ao co

com a psica

não repudia

(Erikson, 19

freudianos j

estágio uma

lescência, e

vida de um

Eriks

que Freud p

Quando criança, Erik Salomonsen tinha muitas perguntas mas poucas respostas acerca de seu pai biológico. Sabia quem era sua mãe — uma bela judia dinamarquesa cuja família se empenhava em parecer mais dinamarquesa do que judia. Mas quem era seu pai?

Filho de mãe solteira, o menino tinha três idéias diferentes em relação à sua origem. Na primeira delas, acreditava que o marido de sua mãe, um médico chamado Theodor Homburger, fosse seu pai biológico. Contudo, à medida que Erik crescia começou a perceber que aquilo estava incorreto, porque seu cabelo loiro e seus olhos azuis não combinavam com os traços escuros de seus pais. Pressionou a mãe para que lhe desse uma explicação, mas ela lhe mentiu e lhe disse que um homem chamado Valdemar Salomonsen — seu primeiro marido — era seu pai biológico e que ela o havia abandonado após ficar grávida de Erik. No entanto, Erik também não acreditou totalmente nessa segunda história porque descobrira que Salomonsen a havia deixado quatro anos antes de ele nascer. Finalmente, Erik preferiu acreditar que era o resultado de um caso sexual de sua mãe com um aristocrata dinamarquês. Por quase todo o resto de sua vida, Erik acreditou nesta terceira história. Apesar disso, continuou a buscar sua própria identidade enquanto procurava o nome de seu pai biológico.

Durante seus anos escolares, os traços escandinavos de Erik contribuíram para sua confusão de identidade. Quando freqüentava o templo, seus olhos azuis e seus cabelos loiros faziam-no parecer um forasteiro. Na escola pública, seus colegas arianos referiam-se a ele como judeu, de forma que Erik sentia-se deslocado tanto como judeu quanto como gentio.

Quando sua mãe morreu, Erik, então com 58 anos, temia nunca vir a saber a identidade de seu pai biológico. Mas continuou com suas buscas. Finalmente, mais de 30 anos depois, e à medida que seu corpo e sua mente começavam a deteriorar-se, Erik perdeu o interesse em descobrir a identidade de seu pai. Contudo, continuou a apresentar uma certa confusão de identidade. Por exemplo, falava predominantemente alemão — a língua de sua juventude, e raramente falava inglês — sua primeira língua por mais de 60 anos. Além disso, manteve uma afinidade histórica com a Dinamarca e com o povo dinamarquês e tinha um orgulho sinistro ao exibir a bandeira da Dinamarca, um país onde ele nunca viveu.

Visão Geral da Teoria Pós-freudiana

A pessoa que apresentamos na história de abertura, é claro, foi Erik Erikson, quem cunhou o termo *crise de identidade*. Erikson não tinha nenhum tipo de graduação universitária, mas a ausência de educação formal não o impediu de adquirir fama mundial em uma variedade impressionante de áreas, incluindo a psicanálise, a antropologia, a psico-história e o ensino.

Ao contrário dos teóricos psicodinâmicos que praticamente romperam todos os laços com a psicanálise freudiana, Erik pretendia, com sua teoria da personalidade, estender, e não repudiar, os pressupostos freudianos e oferecer uma “forma nova de olhar as coisas” (Erikson, 1963, p. 403). Sua **teoria pós-freudiana** estendia os estágios de desenvolvimento freudianos para a adolescência, a idade adulta e a velhice. Erikson sugeria que em cada estágio uma *luta psicossocial* contribui para a formação da personalidade. A partir da adolescência, essa luta toma a forma de uma **crise de identidade** — um divisor de águas na vida de um indivíduo e que poderia fortalecer ou enfraquecer sua personalidade.

Erikson referia-se à sua teoria pós-freudiana como uma extensão da psicanálise, algo que Freud poderia ter feito a tempo. Embora utilizasse a teoria freudiana como a base para

sua abordagem de personalidade com base no *ciclo de vida*, Erikson distinguia-se de Freud em vários aspectos. Além de elaborar teorias sobre os estágios psicosssexuais além da infância, Erikson atribuía uma ênfase maior sobre as influências tanto *sociais* quanto *históricas*.

A teoria pós-freudiana de Erikson, como as outras teorias da personalidade, é um reflexo de seu histórico, um histórico que incluía artes, viagens prolongadas, experiências com várias culturas e uma busca contínua por sua identidade, que mencionamos brevemente em nossa história de abertura.

Biografia de Erik Erikson

Quem era Erik Erikson? Seria dinamarquês, alemão ou americano? Judeu ou gentio? Artista ou psicanalista? O próprio Erikson tinha dificuldades para responder a estas questões, e passou quase toda a vida tentando determinar quem era.

Nascido em 15 de junho de 1902 no sul da Alemanha, Erikson foi criado por sua mãe e por seu padrasto, mas permaneceu com dúvidas acerca da identidade verdadeira de seu pai biológico. Para descobrir seu lugar na vida, Erik aventurou-se longe de casa durante o final de sua adolescência, adotando o estilo de vida de um artista e poeta ambulante.

Depois de quase sete anos de perambulação e busca, ele retornou para sua casa confuso, exausto, deprimido e incapaz de desenhar ou de pintar. Nesse período, um evento casual mudou sua vida: ele recebeu uma carta de seu amigo Peter Blos, convidando-o a lecionar para crianças em uma nova escola em Viena. Um dos fundadores era Anna Freud, que não apenas se tornou a empregadora de Erikson, mas também sua analista.

Enquanto realizava seu tratamento analítico, ele salientava para Anna Freud que seu problema mais difícil era a procura pela identidade de seu pai biológico. No entanto, a senhora Freud demonstrou pouca empatia e disse a Erikson que parasse de fantasiar sobre seu pai ausente. Embora Erikson geralmente obedecesse à sua psicanalista, ele não pôde aceitar a advertência de Freud para parar de tentar descobrir a identidade de seu pai.

Em Viena, Erikson conheceu e, com a permissão de Anna Freud, casou-se com Joan Serson, uma dançarina, artista e professora nascida no Canadá que também se submetia à psicanálise. Com seu histórico psicanalítico e sua facilidade com a língua inglesa, ela se tornou uma valiosa editora e co-autora eventual dos livros de Erikson.

Os Erikson tiveram quatro filhos: três meninos, Kai, Jon e Neil, e uma menina, Sue. Kai e Sue seguiram importantes carreiras profissionais, mas Jon, que partilhava a experiência de artista errante, como o pai, trabalhou como operário e nunca se sentiu emocionalmente próximo de seus pais.

A busca de Erikson pela identidade o levou a algumas experiências difíceis durante seu estágio de desenvolvimento adulto (Friedman, 1999). Segundo Erikson, este estágio exigia um indivíduo apto a cuidar de crianças, produtos ou idéias que tivesse gerado. Nesta questão, Erikson não conseguia alcançar seus próprios padrões. Ele não soube cuidar de seu filho Neil, que nasceu com a síndrome de Down. No hospital, enquanto Joan ainda estava sob sedativos, Erik concordou em colocá-lo em uma instituição. Então, foi para sua casa e contou aos seus outros três filhos que seu irmão havia morrido no nascimento. Mentiu para seus filhos da mesma forma como sua mãe mentira para ele acerca da identidade de seu pai biológico. Mais tarde, contou a verdade ao seu filho mais velho Kai, mas continuou a enganar seus dois filhos mais novos, Jon e Sue. Embora a mentira de sua mãe o

tenha abalado, poderia post...
o fez, Erikson...
quais você s...
a situação, q...
naquela oca...
funeral de u...
temente hav...

Erikson...
e de locais...
identidade p...
psicanalista...
lectual publi...

Em 19...
Viena em di...
os oficiais d...
para os Esta...

Na Am...
reviravolta e...
judia anterie...
havia aband...
ao ressaltar...
livros e ensa...
e substituiu...
como Erik H...
e Erik Homb...

Na Am...
princípio se...
dificada. Sen...
cargos de pes...
e na Clínica I...

Dispost...
tada em Bost...
mas após dois...
sem antes viv...
em Dakota do...
nia, e essas ex...
de seu conceit...

Durante...
personalidade...
Childhood and...
não-relaciona...
tema comum s...
o crescimento...
Por fim, contu...
sobre a *identit*...
Society, que se...
como um esc...
freudiana da p...

tenha abalado profundamente, ele não conseguiu compreender que essa mentira sobre Neil poderia posteriormente abalar seus próprios filhos. Ao enganar seus filhos da forma como o fez, Erikson violou dois de seus próprios princípios: “Não minta para as pessoas com as quais você se importa” e “Não jogue um membro da família contra outro”. Para completar a situação, quando Neil morreu, com cerca de 20 anos, os Erikson, que estavam na Europa naquela ocasião, chamaram Sue e Jon e os instruíram para que cuidassem dos arranjos do funeral de um irmão que eles nunca haviam conhecido e de cuja existência apenas recentemente haviam tomado conhecimento (Friedman, 1999).

Erikson também buscou sua identidade por meio de diversas mudanças de emprego e de locais de residência. Carecendo das credenciais acadêmicas, não tinha nenhuma identidade profissional específica e era muitíssimo conhecido como artista, psicólogo, psicanalista, clínico, professor, antropólogo cultural, existencialista, psicobiógrafo e intelectual publicamente reconhecido.

Em 1933, com a ascensão do fascismo na Europa, Erikson e sua família deixaram Viena em direção à Dinamarca, na esperança de obter a cidadania dinamarquesa. Quando os oficiais dinamarqueses recusaram sua solicitação, ele deixou Copenhague e emigrou para os Estados Unidos.

Na América, alterou seu nome de Homburger para Erikson. Esta mudança foi uma reviravolta em sua vida, porque representava um recuo em relação à sua identificação judia anterior. Originalmente, Erikson aborrecia-se com qualquer insinuação de que havia abandonado sua identidade judia ao mudar de nome. Defendia-se dessas acusações ao ressaltar que utilizava seu nome completo — Erik Homburger Erikson — em seus livros e ensaios. Contudo, à medida que o tempo passou ele abandonou seu nome do meio e substituiu-o pela inicial H. Assim, esta pessoa que no final de sua vida era conhecida como Erik H. Erikson havia se chamado anteriormente Erik Salomonsen, Erik Homburger e Erik Homburger Erikson.

Na América, Erikson manteve seu padrão de mudar-se de um lugar para outro. A princípio se estabeleceu na área de Boston, onde iniciou uma prática psicanalítica modificada. Sem credenciais médicas ou qualquer tipo de graduação universitária, aceitou cargos de pesquisador no Hospital Geral de Massachusetts, na Escola Médica de Harvard e na Clínica Psicológica de Harvard.

Disposto a escrever, mas necessitando de um tempo maior do que sua agenda apertada em Boston e Cambridge lhe permitia, Erikson aceitou um emprego em Yale, em 1936, mas após dois anos e meio mudou-se para a Universidade da Califórnia em Berkeley, não sem antes viver entre as pessoas da tribo dos sioux e estudá-las na reserva de Pine Ridge, em Dakota do Sul. Posteriormente viveu com as pessoas da tribo yurok no norte da Califórnia, e essas experiências em antropologia cultural adicionaram-se à riqueza e à completude de seu conceito de humanidade.

Durante seus anos na Califórnia, Erikson desenvolveu aos poucos uma teoria da personalidade, distinta mas não incompatível com a de Freud. Em 1950, Erikson publicou *Childhood and Society*, um livro que, à primeira vista, parece ser uma reunião de capítulos não-relacionados. Erikson teve, originalmente, algumas dificuldades para encontrar um tema comum subjacente a tópicos como a infância em duas tribos de índios estadunidenses, o crescimento do ego, os oito estágios do desenvolvimento humano e a infância de Hitler. Por fim, contudo, reconheceu que a influência de fatores psicológicos, culturais e históricos sobre a *identidade* era o elemento subjacente que reunia os vários capítulos. *Childhood and Society*, que se tornou um clássico e proporcionou a Erikson uma reputação internacional como um escritor imaginativo, permanece como a melhor introdução à sua teoria pós-freudiana da personalidade.

Em 1949, os funcionários da Universidade da Califórnia exigiram que os membros do corpo docente assinassem um juramento de lealdade aos Estados Unidos. Este tipo de demanda não era incomum durante a época em que o senador Joseph McCarthy convenceu muitos estadunidenses de que os comunistas e simpatizantes estavam prontos para derrubar o governo. Erikson não era um comunista, mas, por uma questão de princípios, recusou-se a assinar o juramento. Embora o Committee on Privilege and Tenure tenha recomendado que Erikson mantivesse sua posição, Erikson deixou a Califórnia e retornou a Massachusetts, onde trabalhou como terapeuta em Austen Riggs, um centro de tratamento para treinamento e pesquisa de psicanálise, situado em Stockbridge. Em 1960, retornou a Harvard e, pelos dez anos seguintes, manteve o cargo de professor de desenvolvimento humano. Após se aposentar, Erikson manteve uma carreira ativa — escrevendo, fazendo palestras e atendendo alguns pacientes. Durante os primeiros anos de sua aposentadoria, viveu em Marin County, Califórnia; Cambridge, Massachusetts; e Cape Cod. Ao longo de todas essas mudanças, Erikson continuou a procurar o nome de seu pai. Faleceu em 12 de maio de 1994, aos 91 anos.

Quem era Erik Erikson? Embora ele próprio possa não ter sido capaz de responder a esta questão, outras pessoas podem aprender um pouco sobre a pessoa conhecida como Erik Erikson por meio de seus livros, pesquisas e ensaios desenvolvidos de forma brilhante.

Os trabalhos mais conhecidos de Erikson incluem *Childhood and Society* (1950, 1963, 1985); *Young Man Luther* (1958); *Identity: Youth and Crisis* (1968); *Gandhi's Truth* (1969), um livro que recebeu o prêmio Pulitzer e o National Book Award; *Dimensions of a New Identity* (1974); *Life History and the Historical Moment* (1975); *Identity and the Life Cycle* (1980); e *The Life Cycle Completed* (1982). Stephen Schlein compilou muitos de seus textos em *A Way of Looking at Things* (Erikson, 1987).

O Ego na Teoria Pós-freudiana

No Capítulo 2, ressaltamos que Freud utilizava a analogia de um cavaleiro montado em um cavalo para descrever o relacionamento entre o ego e o id. O cavaleiro (ego) está, definitivamente, à mercê do cavalo (id), que é mais forte. O ego não tem nenhuma força própria, mas deve tomar energia emprestada do id. Além disso, o ego está tentando constantemente equilibrar demandas cegas do superego contra as incansáveis forças do id e as oportunidades realistas do mundo externo. Freud acreditava que, para uma pessoa psicologicamente saudável, o ego está desenvolvido o suficiente para dominar o id, ainda que seu controle seja tênue e que os impulsos do id possam irromper e sobrepujar o ego a qualquer momento.

Erikson, entretanto, sustentava que nosso ego é uma força positiva que cria uma auto-identidade, um senso de “eu”. Como centro de nossa personalidade, nosso ego nos auxilia a nos adaptarmos aos vários conflitos e às crises da vida, e nos impede de perder nossa identidade para as forças niveladoras da sociedade. Durante a infância, o ego é fraco, maleável e frágil; mas até a adolescência ele deve começar a tomar forma e adquirir força. Ao longo de nossa vida, ele unifica nossa personalidade e a protege contra a indivisibilidade. Erikson via o ego como uma agência de organização parcialmente inconsciente, que sintetiza nossas experiências presentes com as auto-identidades passadas e, também, com as imagens antecipadas do *self*. Ele definia o ego como a capacidade de uma pessoa para unificar experiências e ações de forma adaptativa (Erikson, 1963).

Erikson (1968) identificava três aspectos inter-relacionados do ego: o *corpo egóico*, o *ego ideal* e a *identidade egóica*. O *corpo egóico* refere-se às experiências com nosso corpo, uma forma de enxergar nosso *self* físico como algo diferente das demais pessoas. Nós podemos estar satisfeitos ou insatisfeitos com a forma com a qual nosso corpo se

parece e fi
presenta a
ele é respo
mas com
nós mesm
geralment
terações n
estágio da

Influên

Embora ca
ego surge
sobre os fi
lógica de l
surgir em
educativas
de sua cult
mentação
resultava n
grande pra
rosidade, e
estabelecei
pressa o at
da criança
com referê
dade” ou o
oralidade e
neuróticos.
e a analida
tanto o ind
lidade e a a
etnocêntric
camente, to
aquilo que
uma socied
a humana.
com os me
demonstrac

Uma
sua extensã
escolar, a j
a teoria do
sonalidade

Princípio

Erikson acr
um princíp
tico implica
pequena pes

parece e funciona, mas reconhecemos que ele é o único corpo que teremos. O *ego ideal* representa a imagem que temos de nós mesmos em comparação com um ideal estabelecido; ele é responsável pela nossa satisfação ou insatisfação não apenas com nosso *self* físico, mas com toda a nossa identidade pessoal. A *identidade egóica* é a imagem que temos de nós mesmos nos vários papéis sociais que desempenhamos. Embora a adolescência seja geralmente o período em que esses três componentes se modificam com mais rapidez, alterações no corpo egóico, no *ego ideal* e na identidade egóica podem ocorrer em qualquer estágio da vida.

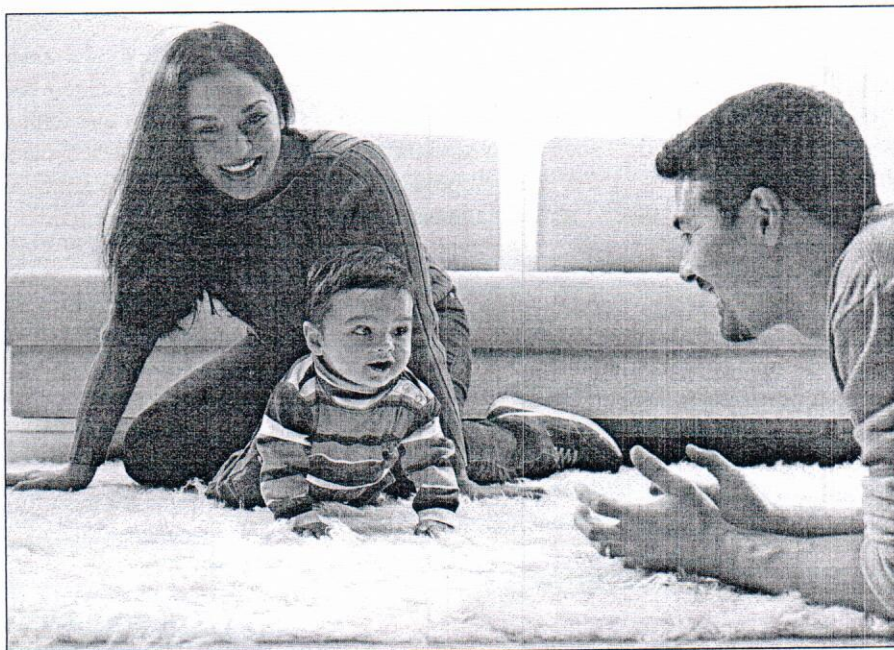
Influência da Sociedade

Embora capacidades inatas sejam importantes no desenvolvimento da personalidade, o *ego* surge a partir da sociedade e é amplamente moldado por ela. A ênfase de Erikson sobre os fatores sociais e históricos estava em conflito com a visão essencialmente biológica de Freud. Para Erikson, o *ego* existe como um potencial no nascimento, mas deve surgir em um ambiente cultural. Diferentes sociedades, com suas variações nas práticas educativas, tendem a moldar personalidades que se ajustem às necessidades e aos valores de sua cultura. Erikson (1963), por exemplo, descobriu que a prolongada e tolerante amamentação de crianças da nação sioux (algumas vezes por um período de até 4 ou 5 anos) resultava naquilo que Freud chamaria personalidades "orais", ou seja, pessoas que obtêm grande prazer por meio das funções da boca. Os sioux atribuem um grande valor à generosidade, e Erikson acreditava que a validação resultante de uma amamentação ilimitada estabeleceria a base para a virtude da generosidade. Contudo, os pais sioux suprimiam depressa o ato de morder, uma prática que poderia contribuir para a coragem e a ferocidade da criança. Em contrapartida, as pessoas da nação yurok estabeleciam normas rígidas com referência à eliminação de urina e fezes, práticas que tendiam a desenvolver "analidade" ou organização, teimosia e acumulação compulsivas. Nas sociedades européias, a oralidade e a analidade são freqüentemente consideradas traços indesejáveis ou sintomas neuróticos. Erikson (1963), no entanto, afirmava que a oralidade entre os caçadores sioux e a analidade entre os pescadores yurok eram características adaptativas que auxiliavam tanto o indivíduo quanto a cultura. O fato de que a cultura euro-americana enxerga a oralidade e a analidade como traços degenerados demonstra apenas sua própria característica etnocêntrica em relação a outras sociedades. Erikson (1968, 1974) afirmava que, historicamente, todas as tribos ou nações, incluindo os Estados Unidos, teriam desenvolvido aquilo que ele denominava **pseudo-espécie**, ou seja, uma ilusão perpetrada e repetida por uma sociedade em particular de que ela é, de alguma forma, a espécie escolhida para ser a humana. Nos últimos séculos, essa crença tem ajudado a sobrevivência da tribo, mas com os meios modernos de destruição mundial tal percepção preconceituosa (como foi demonstrado pela Alemanha Nazista) ameaça a sobrevivência de todas as nações.

Uma das principais contribuições de Erikson para a teoria da personalidade foi sua extensão dos estágios iniciais de desenvolvimento freudiano, a fim de incluir a idade escolar, a juventude, a idade adulta e a velhice. Antes de analisarmos com mais detalhes a teoria do desenvolvimento do *ego* de Erikson, discutiremos sua visão sobre como a personalidade se desenvolve de um estágio para outro.

Princípio Epigenético

Erikson acreditava que o *ego* se desenvolve ao longo dos vários estágios da vida segundo um **princípio epigenético**, um termo retirado da embriologia. O desenvolvimento epigenético implica um crescimento gradual dos órgãos do feto. O embrião não começa como uma pequena pessoa completamente formada, aguardando apenas para expandir sua estrutura e



As crianças engatinham antes de andar, andam antes de correr e correm antes de saltar.

forma. Em vez disso, desenvolve-se, ou deveria desenvolver-se, de acordo com um padrão predeterminado e uma seqüência fixa. Caso os olhos, o fígado ou quaisquer outros órgãos não se desenvolvam durante este período crítico para seu desenvolvimento, eles nunca atingirão a maturidade adequada.

De um modo similar, o ego segue o caminho do desenvolvimento epigenético, no qual cada estágio se desenvolve em um momento apropriado. Um estágio surge e desenvolve-se sobre um estágio anterior, mas não o substitui. Este desenvolvimento epigenético é análogo ao desenvolvimento físico das crianças, que engatinham antes de andar, andam antes de correr e correm antes de saltar. Quando as crianças ainda estão engatinhando, estão desenvolvendo o potencial para andar, correr e saltar, e após estarem suficientemente maduras para saltar ainda retêm sua habilidade para correr, andar e engatinhar. Erikson (1968) descreveu o princípio epigenético ao afirmar que “tudo o que cresce tem um plano básico, e as partes surgem a partir desse plano básico, cada parte apresentando seu tempo de ascendência especial, até que todas as partes tenham surgido para formar um todo funcional” (p. 92). De forma mais sucinta, “A epigênese significa que uma característica se desenvolve sobre outra, no espaço e no tempo” (Evans, 1967, p. 21-22).

O princípio epigenético é ilustrado na Figura 9.1, que retrata o primeiro dos três estágios eriksonianos. A seqüência desses estágios (1, 2, 3) e o desenvolvimento de suas partes componentes (A, B, C) são mostradas nos quadrados com as linhas mais destacadas, dispostos diagonalmente. A Figura 9.1 mostra que cada uma das partes existe antes de seu momento crítico (pelo menos como potencial biológico), emerge no momento adequado e, finalmente, continua a desenvolver-se durante os estágios subsequentes. A parte componente B do estágio 2 (segunda infância), por exemplo, existe durante o estágio 1 (primeira infância) como é indicado no quadrado 1_B. A parte B atinge sua ascendência total durante o estágio 2 (quadrado 2_B), mas continua ao longo do estágio 3 (quadrado 3_B). Da mesma

FIGURA 9.1
Reimpresso a partir
Company, Inc. Copy

forma, todos os
seu pleno desenv
iores (Erikson,

Estágios

A compreensão
compreensão de
com o princípio e
tempo próprio de

Em segund
um conflito entre
tivo). Durante a
opõe-se à desco
confiança, no en
aprende apenas c
no desenvolvime
torna-se excessiv
oito estágios as
destrutivas (distô

Em terceir
qualidade do ego
a partir da antite
ego que permite
dos outros estágio
os elementos hari

Em quarto
central daquele

Estágio	Partes		
	A	B	C
Idade do Jogo ³	3 _A	3 _B	3 _C
Segunda Infância ²	2 _A	2 _B	2 _C
Primeira Infância ¹	1 _A	1 _B	1 _C

FIGURA 9.1 Os Três Estágios Eriksonianos, Retrato do Princípio Epigenético.

Reimpresso a partir de *The Life Cycle: A Review*, de Erik H. Erikson, com permissão de W. W. Norton & Company, Inc. Copyright © 1982 por Rikan Enterprises, Ltd.

forma, todos os componentes do estágio 3 existem durante os estágios 1 e 2, alcançado seu pleno desenvolvimento durante o estágio 3 e prosseguindo ao longo dos estágios posteriores (Erikson, 1982).

Estágios do Desenvolvimento Psicossocial

A compreensão dos oito estágios de desenvolvimento psicossocial de Erikson exige uma compreensão de vários pontos básicos. Em primeiro lugar, o crescimento ocorre de acordo com o *princípio epigenético*, ou seja, uma parte componente surge a partir da outra e tem seu tempo próprio de ascendência, mas não substitui por inteiro os componentes anteriores.

Em segundo lugar, em cada estágio da vida há uma *interação de opostos*, ou seja, um conflito entre um elemento **sintônico** (harmonioso) e um elemento **distônico** (destrutivo). Durante a primeira infância, por exemplo, a *confiança básica* (tendência sintônica) opõe-se à *desconfiança básica* (tendência distônica). Tanto a confiança quanto a desconfiança, no entanto, são necessárias para uma adaptação adequada. Uma criança que aprende apenas confiança torna-se crédula e mal preparada para as realidades encontradas no desenvolvimento posterior, enquanto uma criança que aprende apenas desconfiança torna-se excessivamente desconfiada e cínica. Da mesma forma, durante cada um dos oito estágios as pessoas devem ter experiências tanto harmoniosas (sintônicas) quanto destrutivas (distônicas).

Em terceiro lugar, o conflito entre os elementos sintônicos e distônicos produz uma qualidade do ego ou força do ego, algo que Erikson chamava **força básica**. Por exemplo, a partir da antítese entre confiança e desconfiança surge a esperança, uma qualidade do ego que permite à criança prosseguir até o próximo estágio. Da mesma forma, cada um dos outros estágios está marcado por uma força básica do ego que surge do choque entre os elementos harmoniosos e os desintegradores daquele estágio.

Em quarto lugar, pouca força básica em qualquer estágio resulta em uma **patologia central** daquele estágio. Uma criança que não adquire esperança suficiente durante a

primeira infância desenvolverá a antítese ou o oposto da esperança, ou seja a *retração*. Novamente, cada estágio tem uma patologia central potencial.

Em quinto lugar, embora Erikson se referisse aos seus oito estágios como *estágios psicossociais*, ele nunca perdeu de vista o aspecto biológico do desenvolvimento humano.

Em sexto lugar, os eventos dos estágios iniciais não causam o desenvolvimento posterior da personalidade. A identidade egóica é moldada por uma *multiplicidade de conflitos e de eventos* — passados, presentes e antecipados.

Em sétimo lugar, durante cada estágio, mas especialmente a partir da adolescência, o desenvolvimento da personalidade é caracterizado por uma *crise de identidade*, que Erikson (1968) chamava “uma reviravolta, um período crucial de crescente vulnerabilidade e elevado potencial” (p. 96). Assim, durante cada crise uma pessoa fica mais sensível a grandes modificações na identidade, tanto positivas quanto negativas. Ao contrário da crença popular, uma crise de identidade não é um evento catastrófico, mas, em vez disso, é uma oportunidade para um ajuste de adaptação ou de má adaptação.

Os oito estágios de desenvolvimento psicossocial de Erikson são apresentados na Figura 9.2. As palavras escritas em letras maiúsculas destacadas em negrito são as qualidades do ego, ou forças básicas, que emergem a partir dos conflitos ou crises psicossociais que caracterizam cada período. O “versus” que separa os elementos sintônicos e distônicos significa não apenas um relacionamento de oposição, mas também um relacionamento de complementaridade. Apenas os quadrados dispostos em diagonal estão preenchidos, ou seja, a Figura 9.2 ressalta apenas as forças básicas e as crises psicossociais mais características de cada estágio de desenvolvimento. No entanto, o princípio epigenético sugere que todos os outros quadrados poderiam ser preenchidos (como na Figura 9.1), embora outros itens sejam menos característicos de seus estágios de desenvolvimento. Cada item no conjunto é vital para o desenvolvimento da personalidade, e cada um está relacionado aos demais.

Primeira Infância

O primeiro estágio psicossocial é a **primeira infância**, um período que compreende aproximadamente o primeiro ano de vida e é equivalente à fase oral de Freud. Contudo, o modelo de Erikson adota um foco mais abrangente do que a fase oral de Freud, a qual se centrava praticamente em torno da boca. Para Erikson (1963, 1989), a primeira infância é um *período de incorporação*, no qual as crianças estão “recebendo” não apenas através de sua boca, mas também através dos demais órgãos dos sentidos. Pelos seus olhos, por exemplo, as crianças recebem estímulos visuais. Quando comem ou recebem informações sensoriais, elas aprendem a confiar no mundo exterior ou a desconfiar dele, uma situação que lhes oferece uma esperança realista. A primeira infância é marcada então por um modo psicosssexual *oral-sensitivo*, por uma crise psicosssexual de *confiança básica* versus *desconfiança básica* e pela força básica da *esperança*.

Modo Oral-sensitivo

A visão expandida da infância é expressa pelo termo **oral-sensitivo**, um termo que inclui o principal modo *psicossocial* de adaptação das crianças. O estágio oral-sensitivo é caracterizado por dois modos de incorporação — recebimento e aceitação do que é dado. As crianças podem receber até mesmo na ausência de outras pessoas, ou seja, podem aspirar ar em seus pulmões e receber dados sensoriais sem ter de manipular outros elementos. O segundo modo de incorporação, contudo, implica um contexto social. As crianças não apenas *conseguem* as coisas, mas também precisam de outra pessoa para *dar-lhes* o que necessitam. Este treinamento inicial em relações interpessoais as auxilia a aprender a ser e a posteriormente

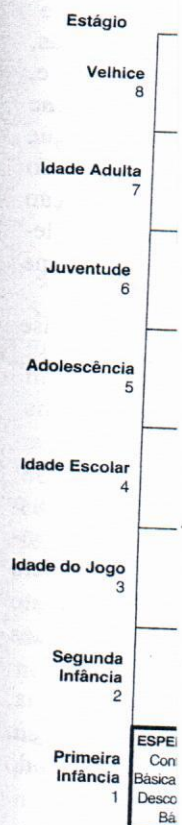


FIGURA 9.2

Reimpresso a partir de Erikson, Inc. Copyright, 1963, 1989.

tornar-se doador de amor, ou a desconfiança, a saber

Confiança Básica

As relações interprimárias, geralmente, são agradáveis e rítmicas. Em outras palavras, a ter *desconfiança* oral-sensitiva e

A confiança, a saber, a ter

Estágio	Partes							
	A	B	C	D	E	F	G	H
Velhice 8								SABEDORIA Integridade versus Desesperança e Desdém
Idade Adulta 7							CUIDADO Produtividade versus Estagnação	
Juventude 6						AMOR Intimidade versus Isolamento		
Adolescência 5					FIDELIDADE Identidade versus Confusão			
Idade Escolar 4				COMPETÊNCIA Destreza versus Inferioridade				
Idade do Jogo 3			PROPÓSITO Iniciativa versus Culpa					
Segunda Infância 2		VONTADE Autonomia versus Vergonha ou Dúvida						
Primeira Infância 1	ESPERANÇA Confiança Básica versus Desconfiança Básica							

FIGURA 9.2 Os Oito Estágios de Desenvolvimento de Erikson com seus Pontos Fortes e Crises Psicossociais Específicos.

Reimpresso a partir de *The Life Cycle: A Review*, de Erik H. Erikson, com permissão de W. W. Norton & Company, Inc. Copyright © 1982 reservados para Rikan Enterprises, Ltd.

tornar-se doadoras. Ao fazer que outras pessoas lhes dêem, elas aprendem a confiar nos outros ou a desconfiar destes, iniciando, dessa forma, a *crise psicossocial* básica da primeira infância, a saber, a da confiança básica *versus* desconfiança básica.

Confiança Básica versus Desconfiança Básica

As relações interpessoais mais significativas de uma criança ocorrem com seu cuidador primário, geralmente a mãe. Caso percebam que sua mãe lhes irá proporcionar alimento regularmente, elas começarão a adquirir *confiança básica*; se ouvirem regularmente a voz agradável e rítmica de sua mãe, desenvolverão mais confiança básica; se puderem servir-se de um ambiente visual rico, conseguirão solidificar cada vez mais a confiança básica. Em outras palavras, caso seu padrão de aceitação de elementos corresponda à forma cultural de oferta, as crianças adquirirão confiança básica. No entanto, elas aprenderão a ter *desconfiança básica* se não encontrarem correspondência entre suas necessidades oral-sensitivas e seu ambiente.

A confiança básica é geralmente sintônica, e a desconfiança básica, distônica. Apesar disso, as crianças podem desenvolver ambas as atitudes. O excesso de confiança as

BIBLIOTECA CENTRAL
FACULDADE DE MEDICINA
DE RIBEIRO PRETO - USP

torna crédulas e vulneráveis às vicissitudes do mundo, ao passo que a escassez de confiança leva-as à frustração, à hostilidade, ao cinismo e à depressão.

Tanto a confiança quanto a desconfiança são experiências inevitáveis das crianças. Todos os bebês que sobreviveram foram, de alguma forma, alimentados e cuidados e, assim, têm alguma razão para confiar. Além disso, todos foram frustrados por dor, fome ou desconforto e, desse modo, têm uma razão para desconfiar. Erikson acreditava que um certo grau de confiança e de desconfiança é essencial à capacidade de adaptação do indivíduo. Ele afirmou a Richard Evans (1967) que “quando entramos em uma situação qualquer, devemos ser capazes de diferenciar o quanto podemos confiar e o quanto podemos desconfiar, e eu utilizo desconfiar no sentido de um alerta para o perigo e como uma antecipação ao desconforto” (p. 15).

O embate inevitável entre confiança e desconfiança básicas resulta na primeira crise psicológica do indivíduo. Caso a pessoa consiga resolver de forma satisfatória esta crise, adquirirá sua primeira força básica — a *esperança*.

Esperança: A Força Básica da Primeira Infância

A esperança surge a partir do conflito entre confiança e desconfiança básicas. Sem o relacionamento conflituoso entre confiança e desconfiança, as pessoas não podem desenvolver esperança. As crianças devem passar por fome, dor e desconforto, bem como pelo alívio desses sintomas desagradáveis. Ao experimentar situações tanto agradáveis quanto desagradáveis, as crianças aprendem a esperar que os futuros reveses tenham desfechos satisfatórios.

Caso as crianças não desenvolvam esperança suficiente durante a primeira infância, elas irão demonstrar a antítese, ou o oposto da esperança — a *retração* —, a *patologia central* da primeira infância. Tendo baixas expectativas, elas irão retrair-se do mundo exterior e iniciar uma jornada na direção de sérios distúrbios psicológicos.

Segunda Infância

O segundo estágio psicossocial é a **segunda infância**, um período equivalente à fase anal de Freud e que abrange aproximadamente o segundo e o terceiro anos de vida. Novamente, existem algumas diferenças entre as visões de Freud e as de Erikson. No Capítulo 2, explicamos que Freud se referia ao ânus como a principal zona erógena durante este período, e que durante o início da fase sádico-anal as crianças obtêm prazer ao destruir ou perder objetos, ao passo que, posteriormente, encontram satisfação ao defecar.

Mais uma vez, Erikson adotou uma visão mais ampla. Para ele, as crianças mais novas obteriam prazer não apenas ao dominar o funcionamento dos músculos do esfíncter, mas também ao dominar outras funções corporais, como urinar, caminhar, arremessar, segurar e assim por diante. Além disso, as crianças desenvolvem um senso de controle sobre seu ambiente interpessoal, bem como certa medida de autocontrole. No entanto, a segunda infância também é um período para experimentar dúvidas e vergonha, à medida que as crianças aprendem que muitas de suas tentativas para conquistar autonomia são malsucedidas.

Modo Anal-uretro-muscular

Durante o segundo ano de vida, o primeiro ajustamento psicossocial é o modo **anal-uretro-muscular**. Neste período as crianças aprendem a controlar seu corpo, especialmente em relação à limpeza e à mobilidade. A segunda infância é mais do que apenas um período de treinamento para toalete; ela também é uma ocasião para andar, correr, abraçar os pais e segurar brinquedos e outros objetos. Em cada uma dessas atividades, as crianças

provavel
eliminá-l
obter sati

A s
mosia e d
portamen
Essa insis
crise da s

Autonomi

Se a segu
momento
modo ana
em parte
por evacua
bém incita
conflito en
segunda in

Na te
e a vergonh
da segunda
nos estágio

De ac
nomia decc
primeira in
intacto enq
crianças nã
para adquir
infância ser
séria crise p
vado e expo
permanece
distônicas, e

Vontade:

A força bási
versus a ver
tade — mas
de livre-arbí
originam-se
pessoa que t
elas podem
as vontades
a esta área.
por autonom
da dúvida.

As crian
auto-expressã
resultarem em

provavelmente demonstrarão algumas tendências a teimosia. Poderão reter suas fezes ou eliminá-las quando quiserem, aconchegar-se em suas mãos ou empurrá-las de repente, obter satisfação com o acúmulo de objetos ou descartá-los rudemente.

A segunda infância é um período de contradição, uma época de rebelião pela teimosia e de estrita obediência, um período de auto-expressão *impulsiva* e de desvios comportamentais *compulsivos*, um momento de cooperação amorosa e de resistência raivosa. Essa insistência obstinada em torno de impulsos conflituosos deflagra a mais importante crise da segunda infância — autonomia *versus* vergonha e dúvida (Erikson, 1968).

Autonomia versus Vergonha e Dúvida

Se a segunda infância é um período de auto-expressão e de *autonomia*, também é um momento de *vergonha* e *dúvida*. À medida que as crianças expressam pela teimosia seu modo anal-uretro-muscular, provavelmente encontrarão uma cultura que tentará inibir em parte sua auto-expressão. Os pais podem envergonhar seus filhos ao repreendê-los por evacuarem em suas roupas ou por fazerem bagunça com sua comida. Podem também incitar dúvida ao questionar a habilidade de seus filhos para atingir seus padrões. O conflito entre a autonomia e a vergonha e a dúvida torna-se a maior crise psicossocial da segunda infância.

Na teoria, as crianças deveriam desenvolver uma proporção ideal entre a autonomia e a vergonha e dúvida, e essa proporção deve favorecer a autonomia, a qualidade sintônica da segunda infância. As crianças que desenvolvem pouca autonomia terão dificuldades nos estágios posteriores, carecendo das forças básicas dos estágios anteriores.

De acordo com os diagramas epigenéticos de Erikson (ver Figuras 9.1 e 9.2), a autonomia decorre da confiança básica, e, caso a confiança básica tenha sido estabelecida na primeira infância, as crianças aprenderão a ter fé em si mesmas e seu mundo permanecerá intacto enquanto elas vivenciarem uma crise psicossocial moderada. Entretanto, caso as crianças não desenvolvam a confiança básica durante a primeira infância, suas tentativas para adquirir controle sobre seus órgãos anais, uretrais e musculares durante a segunda infância serão recebidos com um forte sentimento de vergonha e dúvida, produzindo uma séria crise psicossocial. A *vergonha* é um sentimento de autoconsciência, de ser observado e exposto. A *dúvida*, sua vez, é o sentimento de incerteza, o sentimento de que algo permanece oculto e não pode ser visto. Tanto a vergonha quanto a dúvida são qualidades *distônicas*, e ambas derivam da desconfiança básica estabelecida na primeira infância.

Vontade: A Força Básica da Segunda Infância

A força básica do *desejo* ou *teimosia* surge a partir da resolução da crise da autonomia *versus* a vergonha e a dúvida. Essa etapa é o início do livre-arbítrio e da força de vontade — mas apenas um começo. A força de vontade madura e uma parcela significativa de livre-arbítrio estão reservadas para os estágios posteriores de desenvolvimento, mas originam-se da vontade rudimentar que aparece durante a segunda infância. Qualquer pessoa que tenha passado muito tempo próximo a crianças de 2 anos sabe até que ponto elas podem ser teimosas. O treinamento de toalete em geral simboliza o conflito entre as vontades dos adultos e das crianças, mas as expressões de teimosia não estão limitadas a esta área. O conflito básico durante a segunda infância ocorre entre a luta da criança por autonomia e as tentativas dos pais de controlarem-na pelo emprego da vergonha e da dúvida.

As crianças desenvolverão a vontade apenas quando seu ambiente lhes permitir certa auto-expressão no controle do esfíncter e de outros músculos. Quando suas experiências resultarem em muita vergonha e dúvida, as crianças não desenvolverão adequadamente esta

segunda importante força básica. Uma vontade inadequada é expressa como *compulsão*, a patologia central da segunda infância. Pouca vontade e muita *compulsividade* são levadas até a idade do jogo como falta de objetivo, e na idade escolar como falta de confiança.

Idade do Jogo

O terceiro estágio de desenvolvimento de Erikson é a **idade do jogo**, um período que abrange o equivalente à fase fálica de Freud — aproximadamente entre os 3 e os 5 anos de idade. Novamente, surgem diferenças entre as visões de Freud e de Erikson. Enquanto Freud colocava o complexo de Édipo no centro da fase fálica, Erikson acreditava que o complexo de Édipo fosse apenas uma das várias importantes evoluções da idade do jogo. Erikson (1968) afirmava que, além de identificar-se com seus pais, as crianças em idade pré-escolar estão desenvolvendo as habilidades de locomoção, linguagem, curiosidade, imaginação e a capacidade de estabelecer metas.

Modo Genital-locomotor

O modo psicosssexual primário na idade do jogo é o **genital-locomotor**. Erikson (1982) via a situação edipiana como um protótipo “da eterna capacidade lúdica dos seres humanos” (p. 77). Em outras palavras, o complexo de Édipo é um drama encenado na imaginação da criança e inclui a compreensão inicial de conceitos básicos como reprodução, crescimento, futuro e morte. Os complexos de Édipo e de castração não devem ser, dessa forma, sempre levados ao pé da letra. Uma criança brinca de ser mãe, pai, esposa ou marido; mas essa brincadeira é uma expressão não somente do modo genital, mas também de um rápido desenvolvimento das habilidades locomotoras. Uma menina pode invejar um menino, não porque este possui um pênis, mas, em vez disso, porque a sociedade garante mais prerrogativas a crianças que possuem pênis. Um menino pode ter ansiedade em relação a perder algo, mas essa ansiedade refere-se não somente ao pênis, como também a outras partes do corpo. O complexo de Édipo é então, simultaneamente, mais e menos daquilo que Freud acreditava; e a sexualidade infantil é “uma mera promessa de algo por vir” (Erikson, 1963, p. 86). A menos que o interesse sexual seja provocado por brincadeiras sexuais culturais ou pelo abuso sexual de um adulto, o complexo de Édipo não produz efeitos danosos no desenvolvimento posterior da personalidade.

O interesse que as crianças na idade do jogo têm pela atividade genital é acompanhado por sua crescente facilidade na locomoção. Elas agora podem mover-se facilmente, correr, saltar e escalar objetos sem muito esforço, e suas brincadeiras demonstram tanto iniciativa quanto imaginação. Sua vontade rudimentar, desenvolvida durante o estágio precedente, agora evolui na direção de uma atividade com *finalidade*. As habilidades cognitivas das crianças capacitam-nas criar fantasias elaboradas, que incluem fantasias edipianas mas também abrangem a imaginação acerca de como é ser adulto onipotente ou um animal feroz. Essas fantasias, contudo, também produzem culpa e, assim, contribuem para a crise psicossocial na idade do jogo, a saber, iniciativa *versus* culpa.

Iniciativa versus Culpa

À medida que as crianças começam a mover-se com mais facilidade e energia e seu interesse genital é despertado, elas adotam um modo de abordagem mais frontal em relação ao mundo. Embora comecem a adotar a *iniciativa* em sua seleção e busca de metas, muitas

metas, ta
postergad
conflito e
Nov
sintônica
falta de pr
podem tor
é o contrá

Propósito

O conflito
brincam co
teresses ge
Elas estabe
estágio em
rótulos, co
“base da m

Idade E

O conceito
ou 13 anos
de Freud. N
da família p
idade escol
competênci
e escrever, i
idade escol
porâneas al
aprendizad
métodos me
drões da soc

Latência

Erikson con
cossexual. A
energias ao
sociais. À m
elas começa
Essas auto-ii
de forma ma

Destreza v

Embora a ida
momento de
treza *versus* i

metas, tais como casar-se com sua mãe ou pai ou sair de casa, devem ser reprimidas ou postergadas. A consequência dessas metas inibidas e do tabu em torno delas é a *culpa*. O conflito entre iniciativa e culpa torna-se a crise psicossocial dominante da idade do jogo.

Novamente, a proporção entre esses dois elementos deveria favorecer a qualidade sintônica — a iniciativa. Uma iniciativa descontrolada, contudo, pode levar ao caos e à falta de princípios morais. Entretanto, caso a culpa seja o elemento dominante, as crianças podem tornar-se compulsivamente moralistas ou excessivamente inibidas. A *inibição*, que é o contrário de propósito, constitui a patologia central da idade do jogo.

Propósito: A Força Básica da Idade do Jogo

O conflito iniciativa *versus* culpa produz a força básica do *propósito*. As crianças agora brincam com um propósito, competindo em jogos para vencer ou ser melhores. Seus interesses genitais têm direção, com o pai ou a mãe sendo o objeto de seus desejos sexuais. Elas estabelecem metas e as perseguem com um propósito. A idade do jogo é também o estágio em que as crianças estão desenvolvendo uma consciência e começando a atribuir rótulos, como certo e errado, a seus comportamentos. Essa consciência jovem torna-se a “base da moralidade” (Erikson, 1968, p. 119).

Idade Escolar

O conceito de **idade escolar** de Erikson abrange o desenvolvimento entre os 6 e os 12 ou 13 anos de idade, aproximadamente, e corresponde ao período de latência da teoria de Freud. Nesta idade, o mundo social das crianças está se expandido além dos limites da família para incluir colegas, professores e outros modelos adultos. Para as crianças em idade escolar, seu desejo de conhecer se fortalece e está associado à sua luta básica por competência. No desenvolvimento normal, as crianças se empenham para aprender a ler e escrever, a caçar e pescar ou quaisquer outras habilidades exigidas por suas culturas. A idade escolar não corresponde necessariamente a escolas formais. Nas culturas contemporâneas alfabetizadas, as escolas e os professores desempenham um grande papel no aprendizado das crianças, enquanto em sociedades pré-alfabetizadas os adultos utilizam métodos menos formais, mas igualmente efetivos, para instruir as crianças sobre os padrões da sociedade.

Latência

Erikson concordava com Freud em que a idade escolar é um período de **latência** psicosssexual. A latência sexual é importante porque permite às crianças que devam suas energias ao aprendizado da tecnologia de suas culturas e às estratégias de suas interações sociais. À medida que as crianças trabalham e brincam para adquirir esses fundamentos, elas começam a formar uma imagem de si mesmas como competentes ou incompetentes. Essas auto-imagens são a origem da *identidade egóica* — o sentimento de “eu” que evolui de forma mais completa durante a adolescência.

Destreza versus Inferioridade

Embora a idade escolar seja um período de pouco desenvolvimento *sexual*, trata-se de um momento de tremendo *crescimento* social. A crise psicossocial desse estágio é a da *destreza versus* a inferioridade. A *destreza*, uma qualidade sintônica, significa determinação,

disposição para permanecer ocupado com algo e para finalizar uma atividade. As crianças em idade escolar aprendem a trabalhar e a brincar em atividades orientadas para a aquisição de habilidades práticas e o aprendizado de normas de cooperação.

À medida que as crianças aprendem suas atividades de modo satisfatório, elas desenvolvem um senso de destreza; mas se suas atividades forem insuficientes para atingir suas metas, elas adquirirão um senso de *inferioridade* — a qualidade distônica da idade escolar. As primeiras inadequações também podem contribuir para os sentimentos de inferioridade da criança. Caso uma criança, por exemplo, adquira culpa excessiva e pouco propósito durante a idade do jogo, provavelmente se sentirá inferior e incompetente durante a idade escolar. No entanto, o fracasso não é inevitável. Erikson era otimista ao sugerir que as pessoas podem lidar com a crise de qualquer estágio de forma bem-sucedida mesmo que não tenham obtido êxito nos estágios anteriores.

A proporção entre destreza e inferioridade deve, obviamente, favorecer a destreza; mas a inferioridade, como as outras qualidades distônicas, não deve ser evitada. Como havia ressaltado Alfred Adler (Capítulo 3), a inferioridade pode servir como um ímpeto para alguém alcançar seu melhor desempenho. No entanto, um excesso de inferioridade pode obstruir uma atividade produtiva e impedir os sentimentos de competência de um indivíduo.

Competência: A Força Básica da Idade Escolar

A partir do conflito entre destreza e inferioridade, as crianças em idade escolar desenvolvem a força básica da *competência*, ou seja, a confiança para utilizar as habilidades físicas e cognitivas para resolver os problemas que acompanham a idade escolar. A competência estabelece as bases para “uma participação cooperativa na vida adulta” (Erikson, 1968, p. 126).

Caso o embate entre destreza e inferioridade favoreça tanto a inferioridade quanto um excesso de destreza, as crianças estarão propensas a desistir e a regredir a um estágio anterior do desenvolvimento. Poderão ficar preocupadas com fantasias infantis genitais e edípicas e passar a maior parte de seu tempo em brincadeiras não-produtivas. Essa regressão é chamada *inércia*, a antítese da competência e a patologia central da idade escolar.

Adolescência

A **adolescência**, o período que vai da puberdade até a juventude, é um dos estágios de desenvolvimento mais importantes porque, no término desse período, uma pessoa deve adquirir um senso firme de *identidade egóica*. Embora a identidade egóica não se inicie nem se encerre durante a adolescência, a crise entre *identidade* e *confusão de identidade* atinge seu ápice durante este estágio. Dessa crise entre identidade e confusão de identidade surge a *fidelidade*, a força básica da adolescência.

Erikson (1982) via a adolescência como um período de latência *social*, da mesma forma como enxergava a idade escolar como um período de latência *sexual*. Embora os adolescentes estejam se desenvolvendo sexual e cognitivamente, na maior parte das nações ocidentais lhes é permitido postergar um comprometimento duradouro com uma ocupação, com um parceiro sexual ou com uma filosofia de vida adaptativa. Eles têm a opção de experimentar uma variedade de formas diferentes e de tentar novos papéis e crenças enquanto buscam estabelecer um senso de identidade egóica. A adolescência é, então, uma fase adaptativa do desenvolvimento da personalidade, um período de tentativa e erro.

Puberdade

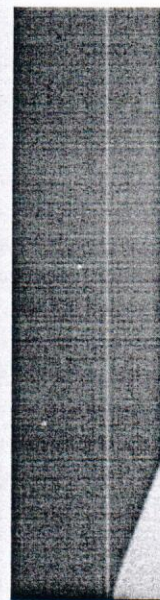
A *puberdade*, o período em que o corpo pequeno no corpo da puberdade apresenta uma maturação genital que prepara o indivíduo para os papéis futuros — papéis que serão desempenhados por meio de um

Identidade vs. Confusão de Identidade

A procura pela identidade é uma das principais tarefas dos jovens. Os jovens buscam a identidade por meio de experiências sociais, ideológicas, religiosas, políticas, etc. A identidade é a percepção de si mesmo e do mundo ao redor. A identidade é formada durante a adolescência e é essencial para a vida adulta. A identidade é a base para a auto-estima e para a capacidade de lidar com os desafios da vida.

Uma crise de identidade ocorre quando o jovem não consegue encontrar uma identidade que o satisfaça. Isso pode levar a problemas de auto-estima e de comportamento. (Erikson, 1968, p. 126)

De acordo com Erikson, a identidade é formada durante a adolescência e é essencial para a vida adulta. A identidade é a base para a auto-estima e para a capacidade de lidar com os desafios da vida.



A busca de identidade

Puberdade

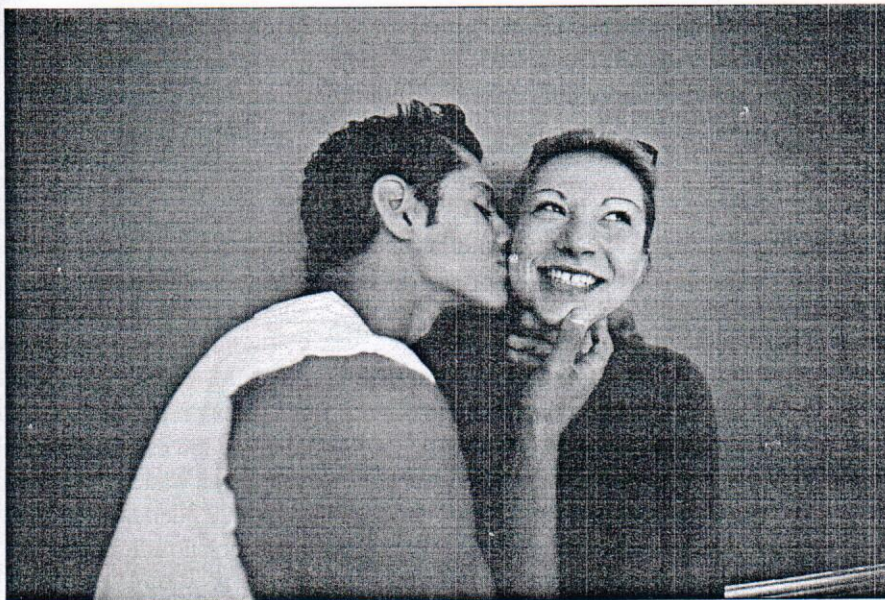
A *puberdade*, definida como a maturação genital, desempenha um papel relativamente pequeno no conceito de adolescência de Erikson. Para a maior parte dos jovens, a maturação genital não representa uma crise sexual significativa. Apesar disso, a puberdade apresenta uma importância psicológica, porque deflagra expectativas de papéis adultos futuros — papéis que são essencialmente sociais e que podem ser preenchidos somente por meio de uma luta para alcançar a identidade egóica.

Identidade versus Confusão de Identidade

A procura pela *identidade egóica* atinge um clímax, durante a adolescência, à medida que os jovens buscam descobrir quem eles são e quem não são. Com o advento da puberdade, os adolescentes procuram novos papéis para auxiliá-los a descobrir suas orientações sexuais, ideológicas e ocupacionais. Em sua busca, os jovens servem-se de uma variedade de auto-imagens anteriores que haviam sido aceitas ou rejeitadas. Assim, as sementes da identidade começam a brotar durante a primeira infância e continuam a crescer ao longo da segunda infância, da idade do jogo e da idade escolar. Então, durante a adolescência, a identidade fortalece-se em uma crise, à medida que os jovens aprendem a lidar com o conflito psicossocial de identidade *versus* a confusão de identidade.

Uma crise não deveria sugerir uma ameaça ou uma catástrofe, mas “um momento de reviravolta, um período crucial de crescente vulnerabilidade e de elevado potencial” (Erikson, 1968, p. 96). Uma crise de identidade pode durar vários anos e resultar tanto em um aumento quanto em uma redução da força do ego.

De acordo com Erikson (1982), a identidade surge a partir de duas fontes: (1) da afirmação ou o repúdio adolescente quanto às identificações da segunda infância e (2) de seus contextos históricos ou sociais, que encorajam a adequação a certos padrões. Os jovens, com frequência, rejeitam os padrões dos mais velhos, preferindo em vez disso os



A busca de identidade na adolescência posterior inclui a descoberta da identidade sexual.

valores de um colega, de um grupo ou de uma turma. De qualquer forma, a sociedade em que vivem desempenha um papel crucial na modelagem de suas identidades.

A identidade é definida tanto de modo positivo quanto negativo, uma vez que os adolescentes estão decidindo o que desejam ser e aquilo em que acreditam enquanto descobrem o que *não* desejam ser e aquilo em que *não* acreditam. Frequentemente eles devem repudiar os valores dos pais ou rejeitar os de seus colegas, um dilema que pode intensificar sua *confusão de identidade*.

A confusão de identidade é uma síndrome de problemas que inclui uma auto-imagem dividida, incapacidade para estabelecer intimidade, senso de urgência, falta de concentração em torno das atividades necessárias e rejeição dos padrões familiares ou comunitários. Com relação às demais tendência distônicas, certa confusão de identidade é tanto normal quanto necessária. Os jovens devem experimentar alguma dúvida e confusão em relação a quem são antes que possam desenvolver uma identidade estável. Devem deixar seus lares (como Erikson fez) para vagar solitariamente em busca do *self*; experimentar drogas e sexo; identificar-se com alguma gangue; juntar-se a uma ordem religiosa ou protestar contra a sociedade existente, sem respostas alternativas. Ou também podem considerar simples e tranquilamente onde se encaixam no mundo e quais valores lhes são caros.

Uma vez mais, a teoria de Erikson é coerente com sua própria vida. Com 18 anos e sentindo-se alienado dos padrões de uma família burguesa, Erikson iniciou sua busca por um estilo de vida alternativo. Com talento para o desenho e com mais confusão de identidade do que identidade, ele passou os sete anos seguintes vagando pelo sul da Europa em busca de uma identidade como artista. Erikson (1975) referia-se a esse estágio de sua vida como um período de insatisfação, de rebelião e de confusão de identidade.

Embora a confusão de identidade seja uma parte necessária de nossa busca de identidade, um excesso de confusão pode levar a um ajustamento patológico na forma de regressão para estágios anteriores de desenvolvimento. Poderemos adiar as responsabilidades da idade adulta e vagar sem destino, de um emprego para outro, de um parceiro sexual para outro ou de uma ideologia para outra. No entanto, se desenvolvermos a proporção adequada entre identidade e confusão de identidade, teremos (1) fé em algum tipo de princípio ideológico, (2) habilidade para decidir livremente como nos comportar, (3) confiança em nossos iguais e em adultos que oferecem conselhos em relação a nossas metas e aspirações e (4) certeza em torno de nossa escolha de uma eventual ocupação.

Fidelidade: A Força Básica da Adolescência

A força básica que emerge da crise de identidade da adolescência é a *fidelidade*, ou a fé na ideologia de alguém. Após estabelecer seus padrões internos de conduta, os adolescentes não necessitam mais de orientação dos pais, e sim têm confiança em suas próprias ideologias religiosas, políticas e sociais.

A confiança adquirida na primeira infância é fundamental para a fidelidade na adolescência. Os jovens devem aprender a confiar uns nos outros antes que possam ter fé em suas próprias visões acerca do futuro. Devem ter desenvolvido esperança durante a primeira infância e devem seguir a esperança com outras forças básicas — vontade, propósito e competência. Cada uma delas é um pré-requisito para a fidelidade, da mesma forma como a fidelidade é essencial para a aquisição das forças do ego subseqüentes.

O contraponto patológico da fidelidade é o **repúdio de papéis**, a patologia central da adolescência que obstrui a habilidade de alguém para sintetizar as várias auto-imagens e valores na forma de uma identidade operável. O repúdio de papéis pode assumir a forma

de acanha-
mada de a
contraste,
dores atên-
porque es-
Erikson, é
identidade
renovada

Juventu

Após alcan-
pazes de f
próprio se-
— está circ
tágio e ao
é um peric
pode pross
madura, ex
do amor.

Genitalia

Grande pai
identidade
pode desen
e pelo comp
realização

Intimidaç

A juventude
dade é a ha-
de perdê-la.
um ego est.
considerada
podem tanto
sexuais sem

Em co
compartilha
em um rela-
muitos casa
sua busca d

O con-
cidade de as
verdadeira i
ou socialme
porque são i
criação e do
Novar
amor madur

de acanhamento ou de provocação (Erikson, 1982). O *acanhamento* é uma ausência extrema de autoconfiança e se manifesta como timidez ou hesitação para expressar-se. Em contraste, a provocação é o ato de rebelar-se contra a autoridade. Adolescentes provocadores atêm-se com insistência a crenças e práticas socialmente inaceitáveis simplesmente porque essas crenças e práticas são inaceitáveis. Um certo repúdio de papéis, acreditava Erikson, é necessário, não apenas porque isto permite aos adolescentes desenvolver sua identidade pessoal, mas também porque injeta algumas idéias novas e uma vitalidade renovada na estrutura social.

Juventude

Após alcançar um senso de identidade durante a adolescência, as pessoas devem ser capazes de fundir essa identidade com a identidade de outra pessoa enquanto mantêm seu próprio senso de individualidade. A **juventude** — um período entre os 19 e os 30 anos — está circunscrita nem tanto à cronologia, mas à conquista da *intimidade* no início do estágio e ao desenvolvimento da *produtividade* no final. Para algumas pessoas este estágio é um período relativamente curto, durando apenas alguns anos. Para outras, a juventude pode prosseguir durante várias décadas. Os jovens devem desenvolver uma *genitalidade* madura, experimentar o conflito entre *intimidade* e *isolamento* e adquirir a força básica do *amor*.

Genitalidade

Grande parte da atividade sexual durante a adolescência é uma expressão da busca da identidade pelo indivíduo, e está basicamente a seu serviço. A verdadeira **genitalidade** pode desenvolver-se durante a juventude somente quando é marcada por confiança mútua e pelo compartilhamento estável de satisfação sexual com uma pessoa amada. É a principal realização da juventude, e ocorre apenas em um relacionamento íntimo (Erikson, 1963).

Intimidade versus Isolamento

A juventude é marcada pela crise psicossocial da *intimidade versus isolamento*. A **intimidade** é a habilidade para fundir a identidade de alguém com a de outra pessoa sem o temor de perdê-la. Uma vez que a intimidade pode ser alcançada após as pessoas terem formado um ego estável, as paixões freqüentemente encontradas na adolescência não podem ser consideradas intimidades reais. As pessoas inseguras quanto à sua própria identidade podem tanto afastar-se da intimidade psicossocial quanto buscá-la por meio de encontros sexuais sem significado.

Em contrapartida, uma intimidade madura significa uma habilidade e um desejo de compartilhar confiança mútua. Ela envolve sacrifício, compromisso e comprometimento em um relacionamento entre dois iguais. Deve ser uma exigência para o casamento, mas muitos casamentos carecem de intimidade porque alguns jovens casam-se como parte de sua busca de identidade, que não conseguiram estabelecer durante a adolescência.

O contraponto psicossocial da intimidade é o **isolamento**, definido com “a incapacidade de assumir riscos em relação a própria identidade pelo compartilhamento de uma verdadeira intimidade” (Erikson, 1968, p. 137). Alguns finalmente se tornam financeira ou socialmente bem-sucedidos e, ainda assim, conservam um sentimento de isolamento porque são incapazes de aceitar as responsabilidades adultas do amor produtivo, da procriação e do amor maduro.

Novamente, um certo nível de isolamento é essencial antes que alguém possa ter um amor maduro. Uma proximidade excessiva pode diminuir o senso de identidade egóica de

uma pessoa, o que a leva a uma regressão psicossocial e a uma inabilidade para enfrentar a próxima fase de desenvolvimento. O maior perigo, obviamente, é uma quantidade excessivamente grande ou pequena de isolamento e uma deficiência na força básica do amor.

Amor: A Força Básica da Juventude

O **amor**, a força básica da juventude, surge a partir da crise entre identidade e isolamento. Erikson (1968, 1982) definia o amor como uma devoção madura que supera as diferenças básicas entre homens e mulheres. Embora o amor inclua intimidade, ele também contém um certo nível de isolamento, uma vez que cada parceiro pode manter uma identidade distinta. Amor maduro significa comprometimento, paixão sexual, cooperação, competição e amizade. Ele é a força básica da juventude, capacitando uma pessoa a lidar, de modo produtivo, com os dois estágios finais de desenvolvimento.

A antítese do amor é a **exclusividade**, a patologia central da juventude. Certa exclusividade, no entanto, é necessária para a intimidade, ou seja, a pessoa deve ser capaz de excluir certas pessoas, atividades e idéias para desenvolver um senso mais forte de identidade. A exclusividade torna-se patológica quando bloqueia a habilidade de um indivíduo para cooperar, competir ou comprometer-se — ingredientes exigidos para intimidade e amor.

Idade Adulta

O sétimo estágio de desenvolvimento é a **idade adulta**, um período em que as pessoas começam a assumir seu lugar na sociedade e as responsabilidades em torno daquilo que a sociedade produz. Para a maior parte das pessoas, este é o estágio mais longo de desenvolvimento, estendendo-se dos 31 aos 60 anos de idade. A idade adulta é caracterizada pelo modo psicossocial da *procriatividade*, pela crise psicossocial entre *produtividade* e *estagnação* e pela força básica do *cuidado*.

Procriatividade

A teoria psicossocial de Erikson assume uma orientação instintiva para perpetuação da espécie. A **procriatividade** é o contraponto do instinto animal adulto nesta direção, e é uma extensão da genitalidade que marca a idade adulta (Erikson, 1982). No entanto, a **procriatividade** refere-se a algo além de um contato genital com um parceiro íntimo. Inclui assumir a responsabilidade pelo cuidado dos filhos resultantes do contato sexual. Em teoria, a procriatividade deveria decorrer da intimidade e do amor maduros estabelecidos durante o estágio precedente. Obviamente, as pessoas são fisicamente capazes de produzir descendentes antes de estar psicologicamente preparados para cuidar do bem-estar dos filhos.

Uma idade adulta madura exige mais do que apenas gerar descendentes; ela inclui o cuidado com as próprias crianças e com as crianças de outras pessoas. Além disso, abrange trabalhar de modo produtivo para transmitir cultura de uma geração para a geração seguinte.

Produtividade versus Estagnação

A qualidade sintônica da idade adulta é a *produtividade*, definida como “a geração de novos seres, bem como de novos produtos e novas idéias” (Erikson, 1982, p. 67). Produtividade, que está relacionada ao estabelecimento e à orientação da geração seguinte, inclui

a pro
contr

Essa
ção al
anteri
a intir
sem o
de inte
suficie
indiví
encont
ples ob
com as

da proc
em si n
Alguns
criativa
produz
cuidade

Cuida
Erikson
soas, pr
a força
indiví
cuidar c
desejo r

O
é a falta
1982). A
cação, c
em ques
das guer
extensas
cial de c

Velhic

O oitavo
seus 40
forma ar
não quer
estrito c
nuar pro
bem com
de alegri
depressã
crise psic

a procriação de filhos, a produção de trabalho e a criação de coisas e de idéias novas que contribuem para a construção de um mundo melhor.

As pessoas têm uma necessidade não apenas de aprender, mas também de instruir. Essa necessidade estende-se além dos próprios filhos de um indivíduo até uma preocupação altruísta com os demais jovens. A produtividade surge a partir de qualidades sintônicas anteriores, tais como a intimidade e a identidade. Como havíamos indicado anteriormente, a intimidade exige uma habilidade para fundir o ego de um indivíduo ao de outra pessoa, sem o temor de perdê-lo. Esta unidade de identidades egóicas leva a uma expansão gradual de interesses. Durante a idade adulta, a intimidade exclusiva entre duas pessoas não mais é suficiente. Outras pessoas, especialmente as crianças, tornam-se parte da preocupação do indivíduo. A instrução de outras pessoas quanto aos padrões de uma cultura é uma prática encontrada em todas as sociedades. Para um adulto maduro, esta motivação não é uma simples obrigação ou uma necessidade egoísta, mas uma orientação evolutiva para contribuir com as gerações futuras e também para assegurar a continuidade da sociedade humana.

A antítese da produtividade é a *auto-absorção* e a *estagnação*. O ciclo geracional da produtividade e da criatividade é prejudicado quando as pessoas ficam muito absoratas em si mesmas e auto-indulgentes. Tal atitude estimula um senso penetrante de estagnação. Alguns elementos da estagnação e da auto-absorção, porém, são necessários. As pessoas criativas devem, em certas ocasiões, permanecer inativas, em si mesmas, para em seguida produzir um novo crescimento. A interação entre produtividade e estagnação produz o cuidado, a força básica da idade adulta.

Cuidado: A Força Básica da Idade Adulta

Erikson (1982) definia **cuidado** como “um amplo comprometimento para *cuidar* das pessoas, produtos e idéias com os quais o indivíduo aprendeu a *preocupar-se*” (p. 67). Como a força básica da idade adulta, o cuidado surge a partir da força básica do ego anterior. Um indivíduo deve ter esperança, vontade, propósito, competência, fidelidade e amor a fim de cuidar daquilo com o que se preocupa. O cuidado não é uma tarefa ou obrigação, mas um desejo natural que emerge do conflito entre produtividade e estagnação, ou auto-absorção.

O contraponto do cuidado é a *rejeição*, a patologia central da idade adulta. A rejeição é a falta de disposição para assumir o cuidado de certas pessoas ou de grupos (Erikson, 1982). A rejeição manifesta-se como autocentrismo, provincianismo ou *pseudo-especificação*, ou seja, a crença de que os outros grupos de pessoas são inferiores ao do indivíduo em questão. Ela é responsável por grande parte do ódio, da destruição, das atrocidades e das guerras associados aos homens. Como afirmou Erikson, a rejeição “tem implicações extensas quanto à sobrevivência da espécie, bem como para o desenvolvimento psicossocial de cada indivíduo” (p. 70).

Velhice

O oitavo e último estágio de desenvolvimento é a **velhice**. Erikson estava no começo dos seus 40 anos quando formulou pela primeira vez o conceito deste estágio e o definiu, de forma arbitrária, como o período compreendido entre os 60 anos e o fim da vida. A velhice não quer dizer que as pessoas não sejam mais criativas. A procriatividade, no sentido mais estreito de gerar filhos, pode estar ausente; ainda assim, as pessoas idosas podem continuar produtivas e criativas de várias formas. Podem ser avós atenciosos para seus netos, bem como para outros membros mais jovens da sociedade. A velhice pode ser um período de alegria, descontração e deslumbramento, mas também é um período de senilidade, depressão e desespero. O modo psicossocial da velhice é a *sensualidade generalizada*; a crise psicossocial dá-se entre *integridade e desesperança*, e a força básica é a *sabedoria*.



Os estágios de desenvolvimento de Erikson estendem-se até a velhice.

com seus netos e bisnetos. As mulheres se tornam mais envolvidas em política, finanças e questões mundiais (Erikson, Erikson e Kivnick, 1986). Uma atitude sensual generalizada, contudo, dependerá da habilidade do indivíduo para manter uma coesão interna, ou seja, de assegurar a integridade face à desesperança.

Integridade versus Desesperança

A crise de identidade final de uma pessoa ocorre entre *integridade e desesperança*. No fim da vida, a qualidade distônica da desesperança poderá prevalecer, mas para as pessoas com uma forte identidade egóica, que aprenderam a ter intimidade e que cuidam tanto das coisas quanto das pessoas, a qualidade sintônica da integridade irá predominar. Integridade significa um sentimento de totalidade e coerência, uma habilidade para manter a união em torno do senso de "eu" de uma pessoa, apesar da redução de suas energias físicas e psicológicas.



Além da Biografia Quem era Erik Erikson? Para informações sobre a busca eterna de Erikson por sua própria identidade, acesse nosso site: <http://www.mhhe.com/feist6>

A integridade do ego é, algumas vezes, difícil de ser mantida quando as pessoas percebem estar perdendo aspectos familiares de suas existências, por exemplo, um cônjuge, amigos, saúde física, força corporal, prontidão mental, independência e utilidade social. Sob tal pressão, as pessoas em geral experimentam um sentimento penetrante de desesperança, o qual elas podem expressar na forma de aversão, depressão, desconsideração em relação a outras pessoas ou qualquer outra atitude que revele uma não-aceitação dos limites finitos da vida.

A desesperança significa literalmente estar sem esperança. Um reexame da Figura 9.2 nos revela que a última qualidade distônica do ciclo de vida situa-se no pólo oposto à

Sensualidade Generalizada

O estágio psicosssexual final é a *sensualidade generalizada*. Erikson tinha pouco a dizer em relação a esse modo de vida psicosssexual, mas pode-se deduzir que significa a obtenção de prazer a partir de diversas sensações físicas diferentes — visões, sons, odores, abraços e, talvez, estimulação genital. A sensualidade generalizada também pode incluir uma maior consideração pelo estilo de vida tradicional do sexo oposto. Os homens assumem uma postura mais maternal e mais receptiva em relação aos prazeres não-sexuais, incluindo aqueles desfrutados

esperança;
a esperan
de ter sen

Sabedoria

Certa por
embate in
velhice. E
pegada co
desapegad
porém sen
do declíni
tradicional
pessoas pr
Erikson e l

A an
(1982, p. 61
cada vez m
patologia c

À me
ce, e ele e s
avançada n
geradoras e
neste estági
os últimos a
completar e

Resumo

O ciclo de v
por um mod
estimulada p
contrário. A
básica aprese
Os humanos
com a pessoa
nidade, ocorr

A pers
dentro de det
de desenvolvi
culturas, pass

Os Mét

Erikson insist
e seus método
antropológico:
adultos madur
indivíduos das

esperança, a primeira força básica de uma pessoa. Desde a primeira infância até a velhice, a esperança pode existir. Uma vez que a perdemos, segue-se a desesperança e a vida deixa de ter sentido.

Sabedoria: A Força Básica da Velhice

Certa porção de desesperança é natural e necessária para a maturidade psicológica. O embate inevitável entre integridade e desesperança produz *sabedoria*, a força básica da velhice. Erikson (1982) definia a sabedoria como “uma preocupação inteligente e desapegada com a própria vida em face da morte” (p. 67). As pessoas com uma preocupação desapegada não deixam de preocupar-se; em vez disso, mostram um interesse ativo, porém sem paixões. Com uma sabedoria madura, elas mantêm sua integridade apesar do declínio de suas habilidades físicas e mentais. A sabedoria utiliza o conhecimento tradicional, passado de geração para geração, e também contribui para ele. Na velhice, as pessoas preocupam-se com questões mais elevadas, incluindo a não-existência (Erikson, Erikson e Kivnick, 1986).

A antítese da sabedoria e a patologia central da velhice é o *desdém*, que Erikson (1982, p. 61) definia como “uma reação ao fato de sentir-se (e ver os outros) como estando cada vez mais acabado, confuso e indefeso”. O desdém é uma continuação da rejeição, a patologia central da idade adulta.

A medida que Erikson envelhecia, tornava-se menos otimista em relação à velhice, e ele e sua esposa começaram a descrever um nono estágio — um período da velhice avançada no qual as enfermidades físicas e mentais roubam das pessoas suas habilidades geradoras e as reduzem a indivíduos à espera da morte. A própria Joan estava interessada neste estágio à medida que assistia à rápida deterioração da saúde de seu marido durante os últimos anos de sua vida. Infelizmente, ela mesma veio a falecer antes que pudesse completar esse nono estágio.

Resumo do Ciclo de Vida

O ciclo de vida está resumido na Tabela 9.1. Cada um dos oito estágios é caracterizado por um modo psicossocial, bem como por uma crise psicossocial. A crise psicossocial é estimulada por um conflito entre o elemento sintônico dominante e seu elemento distônico contrário. A partir deste conflito surge uma força básica, ou qualidade do ego. Cada força básica apresenta um contrário subjacente que se torna a patologia central daquele estágio. Os humanos têm uma proporção crescente de relacionamentos significativos, iniciando-se com a pessoa materna na infância e encerrando-se com a identificação com toda a humanidade, ocorrida durante a velhice.

A personalidade sempre se desenvolve durante um período histórico particular e dentro de determinada sociedade. Apesar disso, Erikson acreditava que os oito estágios de desenvolvimento transcendiam a cronologia e a geografia e eram extensivos a todas as culturas, passadas ou presentes.

Os Métodos de Investigação de Erikson

Erikson insistia em que a personalidade é o produto da história, da cultura e da biologia, e seus métodos variados de investigação refletiam esta crença. Ele empregava métodos antropológicos, históricos, sociológicos e clínicos para estudar crianças, adolescentes, adultos maduros e idosos. Analisava estadunidenses de classe média, crianças européias, indivíduos das nações sioux e yurok da América do Norte e até mesmo marinheiros em

TABELA 9.1

Resumo dos Oito Estágios do Ciclo de Vida de Erikson

Estágio	Modo Psicossexual	Crise Psicossocial	Força Básica	Patologia Central	Relações Significativas
8 Velhice	Generalização dos modos sexuais	Integridade <i>versus</i> Desesperança	Sabedoria	Desdém	Toda a humanidade
7 Idade Adulta	Procriatividade	Produtividade <i>versus</i> Estagnação	Cuidado	Rejeição	Divisão de trabalho e compartilhamento de um lar
6 Juventude	Genitalidade	Intimidade <i>versus</i> Isolamento	Amor	Exclusividade	Parceiros sexuais, amigos
5 Adolescência	Puberdade	Identidade <i>versus</i> Confusão de Identidade	Fidelidade	Repúdio de Papéis	Grupo de colegas
4 Idade Escolar	Latência	Destreza <i>versus</i> Inferioridade	Competência	Inércia	Vizinhança, escola
3 Idade do Jogo	Genital-locomotor	Iniciativa <i>versus</i> Culpa	Propósito	Inibição	Família
2 Segunda Infância	Anal-uretro-muscular	Autonomia <i>versus</i> Vergonha e Dúvida	Vontade	Compulsão	Pais
1 Primeira Infância	Oral – sensitivo	Confiança Básica <i>versus</i> Desconfiança Básica	Esperança	Retração	Cuidador materno

FONTE: Extraído de *The Life Cycle Completed: A Review*, de Erik H. Erikson, Copyright © 1982 reservados por Rikan Enterprises, Ltd. Reimpresso com a permissão de W. W. Norton & Company, Inc.

um submarino. Produziu retratos biográficos de Adolf Hitler, Máximo Gorki, Martin Luther e Mohandas K. Gandhi, entre outros. Nesta seção, apresentaremos duas abordagens utilizadas por Erikson para explicar e descrever a personalidade humana — estudos antropológicos e psico-história.

Estudos Antropológicos

Em 1937, Erik fez uma viagem à reserva indígena de Pine Ridge, em Dakota do Sul, para investigar as causas da apatia entre as crianças sioux. Erikson (1963) fez um relato sobre a educação inicial sioux em termos de suas recém-criadas teorias de desenvolvimento psicossexual e psicossocial. Descobriu que a apatia era a expressão de uma extrema dependência que os sioux haviam desenvolvido como resultado de sua confiança nos vários programas federais. Em determinado período, haviam sido corajosos caçadores de bisões, mas por volta de 1937 os sioux haviam perdido sua identidade como caçadores e tentavam, de forma pouco entusiasta, ganhar a vida como fazendeiros. As práticas educativas de

crianças, tornarem não eram de 1937 t mente ap Do: para estu mão. Em tradição d dos para e predileção valorizada mente que aquela his

Psico-hi

A disciplin psicanalíti investigaçã William B o president lamentasse especialme (Erikson, 1 a história j durante un não podia : Eriks com os mé tória para c período his cionais que Na q cionalmente nal com Ga conhecido (positivos en víduos saud com problr de Gandhi, Gandhi de r Quan seu pai. Em a oportunid. oportunidac Gandl estudou dire Então, vestie Direito. Apé

crianças, que no passado haviam sido responsáveis pelo treinamento dos meninos para tornarem-se caçadores e das meninas para serem auxiliares e mães de futuros caçadores, não eram mais apropriadas para uma sociedade agrária. Como resultado, as crianças sioux de 1937 tinham grandes dificuldades para atingir um senso de identidade egóica, especialmente após alcançarem a adolescência.

Dois anos mais tarde, Erikson fez uma viagem semelhante ao norte da Califórnia, para estudar as pessoas da nação yurok, as quais viviam essencialmente da pesca do salmão. Embora os sioux e os yurok possuíssem culturas bem diferentes, cada tribo tinha uma tradição de educar seus jovens dentro das virtudes de sua sociedade. Os yurok eram treinados para apanhar peixes e, assim, não tinham nenhum sentimento nacional ou uma grande predileção pela guerra. A obtenção e a conservação de provisões e de posses eram bastante valorizadas entre as pessoas da nação yurok. Erikson (1963) foi capaz de demonstrar claramente que a educação da segunda infância era coerente com esse forte valor cultural, e que aquela história e sociedade específicas ajudaram a modelar personalidades.

Psico-história

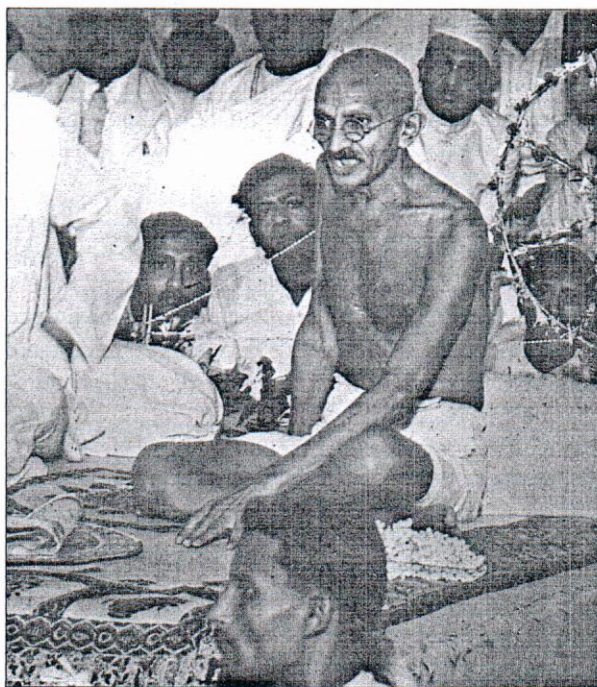
A disciplina denominada **psico-história** é um campo controverso que combina conceitos psicanalíticos com métodos históricos. Freud (1910/1957) criou a psico-história com uma investigação sobre Leonardo da Vinci e, posteriormente, colaborou com o embaixador William Bullitt para redigir um estudo psicológico, com as dimensões de um livro, sobre o presidente americano Woodrow Wilson (Freud e Bullitt, 1967). Embora Erikson (1975) lamentasse esse último trabalho, ele adotou os métodos da psico-história e os refinou, especialmente em seu estudo de Martin Luther (Erikson, 1958, 1975) e Mahatma Gandhi (Erikson, 1969, 1975). Tanto Luther quanto Gandhi tiveram um importante impacto sobre a história porque eram pessoas excepcionais, com o legítimo conflito pessoal, vivendo durante um período histórico em que precisavam resolver de modo coletivo aquilo que não podia ser resolvido de forma isolada (E. Hall, 1983).

Erikson (1974) definia a psico-história como “o estudo da vida individual e coletiva com os métodos combinados da psicanálise e da história” (p. 13). Utilizava a psico-história para demonstrar suas crenças fundamentais de que cada pessoa é o produto de seu período histórico, e de que estes períodos históricos são influenciados por líderes excepcionais que experimentam um conflito de identidade pessoal.

Na qualidade de autor da psico-história, Erikson acreditava que deveria estar emocionalmente envolvido com o assunto. Desenvolveu, por exemplo, uma forte ligação emocional com Gandhi, a quem atribuía sua própria busca ininterrupta do pai que nunca havia conhecido (Erikson, 1975). Em *Gandhi's Truth*, Erikson (1969) revelou fortes sentimentos positivos em relação a Gandhi à medida que tentava responder à questão sobre como indivíduos saudáveis conseguiam superar crises e conflitos enquanto outras pessoas se abalam com problemas pequenos. Ao buscar uma resposta, Erikson examinou o ciclo de vida inteiro de Gandhi, mas concentrou-se em especial em uma crise que atingiu o ápice quando um Gandhi de meia-idade utilizou inicialmente a greve de fome como arma política.

Quando criança, Gandhi era próximo de sua mãe, mas experimentou conflitos com seu pai. Em vez de enxergar essa situação como um conflito edipiano, Erikson a via como a oportunidade de Gandhi para resolver seu conflito com as figuras de autoridade — uma oportunidade que Gandhi teria muitas vezes ao longo de sua vida.

Gandhi nasceu em 2 de outubro de 1869, em Porbandar, Índia. Quando jovem, estudou direito em Londres e era muito discreto em seus modos e em sua aparência. Então, vestido adequadamente como um súdito britânico, retornou à Índia para praticar o Direito. Após dois anos de uma prática malsucedida, seguiu para a África do Sul, a qual,



Segundo Erikson, Gandhi desenvolveu forças básicas a partir de suas várias crises de identidade.

os anos que passou na África do Sul, ele desenvolveu uma técnica de resistência passiva conhecida como *Satyagraha* e a utilizava como uma forma de resolver conflitos com autoridades. *Satyagraha* é um termo sânscrito que significa um método tenaz e determinado para a obtenção da verdade.

Após retornar à Índia, Gandhi passou por outra crise de identidade quando, em 1918, aos 49 anos, tornou-se a figura central de uma greve de trabalhadores de um moinho contra seus empregadores, em Ahmedabad. Erikson referiu-se aos eventos em torno da greve como “O Evento” e dedicou o conteúdo de *Gandhi's Truth* a essa crise. Embora essa greve tenha sido apenas um evento menor na história da Índia e tenha recebido pouquíssima atenção na autobiografia de Gandhi, Erikson (1969) a via como detentora de um impacto significativo sobre a identidade de Gandhi como militante da não-violência.

Os trabalhadores do moinho haviam prometido declarar greve caso sua demanda de um aumento salarial de 35% não fosse atendida. Mas os proprietários, que haviam concordado entre si não oferecer mais de 20% de aumento, fecharam os portões para os trabalhadores e tentaram minar sua união, oferecendo o aumento de 20% apenas para aqueles que voltassem ao trabalho. Gandhi, o porta-voz dos trabalhadores, sofria com o impasse. Então, de forma um tanto impetuosa, prometeu não mais alimentar-se até que as demandas dos trabalhadores fossem atendidas. Isto, o primeiro dos 17 “jejuns até a morte”, não era realizado como uma ameaça aos proprietários do moinho, mas para demonstrar aos trabalhadores que uma promessa deve ser mantida. De fato, Gandhi temia que os proprietários do moinho pudessem ceder mais como uma demonstração de simpatia em relação a ele do que como reconhecimento pela situação miserável dos trabalhadores. Realmente,

como a Índia, era uma colônia britânica. Pretendia permanecer ali por um ano, mas sua primeira crise de identidade séria o manteve naquele país por mais de 20 anos.

Uma semana após um juiz o expulsar de uma sala de audiências, Gandhi foi jogado para fora de um trem por negar-se a ceder seu assento para um homem “branco”. Essas duas experiências com preconceito racial modificaram a vida de Gandhi. Quando ele conseguiu resolver sua crise de identidade, sua aparência havia se alterado dramaticamente. Ele deixou de usar chapéus de seda e jaquetas pretas, e agora vestia uma túnica de algodão e um xale que se tornariam familiares para milhões de pessoas ao redor do mundo. Durante

no terceiro mitia a a de 35%, i por um a passiva h mudanças

Ao patologia: Erikson (Gandhi, e caso histó debilitado apenas ad

Pesq

Uma das lidade até a idéia de significati estágios c período c identidade onde estoi penha um com as qu

Em Erikson e lescência, exemplo, e Youniss meia-idad

Produ

Erikson d e de nova na educaç atividades nhecimen et al. (Mc. sido figura nerativity important uma instit a preocup. narrativa j a geração

no terceiro dia os trabalhadores e os proprietários chegaram a um compromisso que permitia a ambos uma saída honrosa — os operários trabalhariam um dia por um aumento de 35%, um dia por um aumento de 20% e, então, por um valor qualquer a ser decidido por um árbitro. No dia seguinte Gandhi encerrou sua greve de fome, mas sua resistência passiva havia moldado sua identidade e havia-lhe conferido um novo instrumento para mudanças políticas e sociais pacíficas.

Ao contrário de indivíduos neuróticos, cujas crises de identidade resultam em patologias centrais, Gandhi havia desenvolvido força a partir dessa e de outras crises. Erikson (1969) descreveu a diferença entre os conflitos em grandes personagens, como Gandhi, e em pessoas psicologicamente perturbadas: “Esta, então, é a diferença entre um caso histórico e uma história de vida: os pacientes, importantes ou não, são cada vez mais debilitados por seus conflitos interiores, mas, em um evento histórico, o conflito interno apenas adiciona um *momentum* indispensável a todo esforço sobre-humano” (p. 363).

Pesquisa Relacionada

Uma das maiores contribuições de Erikson foi estender o desenvolvimento da personalidade até a idade adulta. Ao expandir a noção de Freud até a velhice, Erikson desafiou a idéia de que o desenvolvimento psicológico se interrompia na infância. O legado mais significativo de Erikson tem sido sua teoria do desenvolvimento e, particularmente, os estágios da adolescência até a velhice. Ele foi um dos primeiros teóricos a enfatizar o período crítico da adolescência e os conflitos que envolviam a busca de alguém por uma identidade. Os adolescentes e os jovens frequentemente se perguntam: quem sou eu? Para onde estou indo? Como chegarei lá? A forma pela qual respondem a essas questões desempenha um papel importante nos tipos de relacionamentos que desenvolverão, nas pessoas com as quais se casarão e nas carreiras que escolherão.

Em contraste com a maioria dos outros teóricos psicodinâmicos, o trabalho de Erikson estimulou de forma intensa a pesquisa empírica, grande parte dela sobre adolescência, juventude e idade adulta. Alguns estudos recentes sobre adolescência, por exemplo, incluem a pesquisa de Fowler e Dell (2004), Markstrom e Iborra (2003) e Reis e Youniss (2004). Enfatizaremos, contudo, dois estudos recentes sobre produtividade na meia-idade, a saber, as mudanças da vida e a paternidade.

Produtividade e as Mudanças da Vida

Erikson definia produtividade como “a geração de novos seres, bem como de produtos e de novas idéias” (1982, p. 67). A produtividade é normalmente expressa não apenas na educação de crianças e no auxílio para o crescimento de jovens, mas também nas atividades de ensino, orientação, criação e narração de histórias que trazem novos conhecimentos à luz e transmitem velhos saberes para a próxima geração. Dan McAdams et al. (McAdams, 1999; McAdams e de St. Aubin, 1992; Bauer e McAdams, 2004b) têm sido figuras importantes na pesquisa sobre produtividade e desenvolveram a Loyola Generativity Scale (LGS) para mensurá-la. A LGS inclui itens como “Eu tenho habilidades importantes que tento ensinar aos outros” e “Eu não sou voluntário para trabalhar em uma instituição de caridade”. A escala mede vários aspectos da produtividade, incluindo a preocupação com a próxima geração, a criação e a conservação de objetos e coisas e a narrativa pessoal, ou seja, a história ou tema subjetivos que um adulto cria para prover a geração futura.

Em um recente estudo sobre produtividade, Jack Bauer e Dan P. McAdams (2004b) investigaram a associação entre quatro temas de crescimento pessoal durante duas importantes mudanças da vida, a saber, a mudança de carreira e a mudança de religião. Os temas de crescimento integrativos são, basicamente cognitivos quanto à sua natureza e giram em torno da habilidade do indivíduo para pensar em temas complexos e para considerar os objetivos de vida, enquanto os temas intrínsecos são primeiramente emocionais e concentram-se em torno da habilidade do indivíduo para sentir-se bem em relação à sua vida. Os temas causadores ou pessoais envolvem auto-entendimento, metas pessoais e um sentimento de bem-estar em relação a si mesmo, enquanto os temas comunitários envolvem a compreensão de relacionamentos, o pensamento moral e a preocupação com os outros. Em resumo, causador é similar a autofoco e comunitário é similar a foco nas outras pessoas.

Bauer e McAdams acreditavam que os temas integrativos conseguiriam prever o desenvolvimento do ego, enquanto os temas intrínsecos, causadores e comunitários iriam prever o bem-estar. Previam também que os indivíduos que tivessem alterado suas carreiras teriam uma incidência muito elevada de temas causadores e os indivíduos que mudassem de religião teriam uma incidência elevada de temas comunitários. Os participantes eram selecionados na comunidade, e cada um deles tinha de estar vivenciando uma modificação significativa na carreira ou na religião. A amostra se compunha em 64% por mulheres, com média etária de 41 anos, era 72% euro-americana, apresentava um padrão de renda médio entre 30 mil e 40 mil dólares por ano e dois terços de seu contingente possuía diploma universitário. Os participantes escreveram narrativas de uma a duas páginas sobre as mudanças em suas carreiras ou religiões. Essas mudanças eram codificadas em quatro temas (integrativo, intrínseco, causador ou comunitário). Os participantes também responderam a dois questionários sobre sua satisfação com a vida (Diener, Emmons, Larson e Griffin, 1985; Ryff e Keyes, 1995) e a uma mensuração de desenvolvimento do ego por meio de complementação de sentenças (Hy e Loevinger, 1996).

Os resultados confirmaram a primeira previsão de que os temas integrativos estariam relacionados ao desenvolvimento do ego, e não à satisfação com a vida, e de que os três outros temas (intrínseco, causador e comunitário) estariam relacionados à satisfação com a vida. Os participantes com os níveis mais elevados de desenvolvimento do ego tinham histórias de transição que enfatizavam o aprendizado e a integração de novas perspectivas de si mesmos e dos outros. Em contraste, “os participantes cujas histórias de transição enfatizavam a importância da felicidade pessoal, de relacionamentos significativos e de contribuições para a sociedade apresentavam níveis maiores de bem-estar” (p. 587). Os resultados comprovavam parcialmente a segunda previsão, ou seja, a de que as mudanças religiosas tinham uma probabilidade maior de trazer temas comunitários de crescimento, mas os indivíduos que passaram por mudanças de carreira não tinham uma propensão maior de apresentar temas causadores. Além disso, e um tanto quanto inesperadamente, os participantes que enfrentavam mudanças de religião eram mais inclinados a mencionar temas integrativos do que os que passavam por mudanças de carreira, “talvez refletindo o fato de que as instituições religiosas enfatizam o papel da construção de significado ideológico” (p. 593).

Produtividade e a Condição de Ter e de Criar Filhos

Em um estudo sobre produtividade e a condição de ter e de criar filhos, Milene Morfe et al. (2004) investigaram duas formas de produtividade (agentiva e comunitária) a partir de quatro dimensões (ter e criar filhos, profissão, voluntariado e atividades de lazer) e suas relações com o bem-estar psicológico. Os autores examinaram ainda se haveria alguma diferença de gênero em cada tipo de produtividade.

Os pesquisadores estudaram 50 mães e 48 pais com filhos entre as idades de 15 e 22 anos. Morfe et al. mensuraram atos produtivos nos domínios causadores e comunitários, primeiro utilizando a Adults Interests and Attitudes Interview e posteriormente

a Generat
avaliaram

Os 1
trabalhar
não desen
No entanto
comunitários,
e ao contr
domínio e
penharam,
e criar filh
lugar o be
Como Mo
seus filhos

Crítica

Erikson de
riamente s
enxergava
vez escreve
(Erikson, 1
força, sem
com os pad

O pri
por esse pa
da média. A
aspectos do
mento (Gol
Zuschlag, E

Apesi
apenas med
de pesquisa
estágios de

Quanti
em grande p
tões como t
de atribuir s
mana. Os oi
acerca do qu
geral podem
escopo para

Como
mas oferece
livro, ela oci
com adultos
úteis para as
são quase s

a Generative Behavior Checklist, elaborada por de St. Aubin e McAdams (1995). Eles avaliaram a satisfação com a vida por meio de um questionário (Diener et al., 1985).

Os resultados demonstraram que, embora os homens fossem mais propensos a trabalhar em profissões não-assistenciais (engenheiros, executivos, operários etc.), eles não desempenhavam ações mais causadoras do que as mulheres nos quatro domínios. No entanto, as mulheres (comparadas aos homens) realizaram, de forma geral, mais atos comunitários, bem como nos domínios ocupacional, de lazer e de voluntariado. Além disso, e ao contrário de Bauer e McAdams (2004b), nenhum dos atos produtivos em qualquer domínio esteve relacionado à satisfação dos homens com a vida. As mulheres que desempenharam, de maneira geral, um número maior de atos produtivos comunitários e quanto a ter e criar filhos, estavam menos satisfeitas com suas vidas. Ou seja, enfatizar em primeiro lugar o bem-estar dos outros parece ter um custo sobre a satisfação pessoal das mulheres. Como Morfe et al. descreveram: “O foco das mulheres nos outros, incluindo o foco em seus filhos, pode superar a atenção relativa à satisfação com a própria vida” (p. 57).

Crítica a Erikson

Erikson desenvolveu sua teoria essencialmente sobre princípios éticos, e não necessariamente sobre dados científicos. Ele chegou à psicologia pela arte e reconhecia que enxergava o mundo mais através dos olhos de um artista do que de um cientista. Certa vez escreveu que não tinha nada a oferecer, exceto “uma forma de olhar para as coisas” (Erikson, 1963, p. 403). Seus livros são reconhecidamente subjetivos e pessoais, o que reforça, sem dúvida, seu apelo. Apesar disso, a teoria de Erikson deve ser julgada de acordo com os padrões da ciência — não os da ética ou da arte.

O primeiro critério de uma teoria útil é sua capacidade para *produzir pesquisa*, e, por esse padrão, podemos avaliar a teoria de Erikson com um conceito um pouco acima da média. Apenas o tópico da identidade, por exemplo, gerou centenas de estudos, e outros aspectos dos estágios de desenvolvimento de Erikson, tais como intimidade *versus* isolamento (Gold e Rogers, 1995) e produtividade, e ainda o ciclo de vida total (Whitbourne, Zuschlag, Elliot e Waterman, 1992) estimularam ativas investigações empíricas.

Apesar dessa pesquisa ativa, avaliamos a teoria de Erikson com uma pontuação apenas mediana em relação ao critério da *refutabilidade*. Muitas descobertas desse corpo de pesquisa podem ser explicadas por teorias diferentes da teoria de Erikson sobre os estágios de desenvolvimento.

Quanto à sua capacidade de *organizar conhecimento*, a teoria de Erikson é limitada, em grande parte, aos estágios de desenvolvimento. Ela não enfrenta adequadamente questões como traços pessoais ou motivação, uma limitação que tira da teoria sua capacidade de atribuir sentido a grande parte daquilo que é conhecido em termos de personalidade humana. Os oito estágios de desenvolvimento permanecem como uma declaração eloquente acerca do que deveria ser o ciclo da vida, e as descobertas das pesquisas nessas áreas em geral podem adequar-se à estrutura eriksoniana. No entanto, a teoria carece de suficiente escopo para ser avaliada com um conceito elevado neste critério.

Como *um guia para a ação*, a teoria de Erikson proporciona muitas diretrizes gerais, mas oferece poucas orientações específicas. Comparada às outras teorias discutidas neste livro, ela ocupa uma posição próxima do topo quanto à sugestão de abordagens para lidar com adultos de meia-idade e idosos. As visões de Erikson sobre envelhecimento têm sido úteis para as pessoas no campo da gerontologia, e suas idéias sobre a identidade egóica são quase sempre citadas nos livros de estudo de psicologia adolescente. Além disso,

seus conceitos de intimidade *versus* isolamento e de produtividade *versus* estagnação têm muito a oferecer para conselheiros matrimoniais e demais indivíduos preocupados com relacionamentos íntimos entre adultos.

Damos à teoria de Erikson um conceito elevado quanto à *coerência com seu conteúdo* principalmente porque os termos utilizados para nomear as diferentes crises psicossociais, forças básicas e patologias centrais foram cuidadosamente escolhidos. O inglês não era a língua materna de Erikson, e seu uso intensivo do dicionário, enquanto escrevia seus textos, aumentou a precisão de sua terminologia. Ainda que conceitos como esperança, vontade, propósito, amor, cuidado etc. não sejam definidos de modo operacional, apresentam pouca utilidade científica, embora ocupem uma posição elevada em termos de valor, tanto literária quanto emocionalmente. Entretanto, o princípio epigenético de Erikson e a eloquência de sua descrição dos oito estágios de desenvolvimento marcam sua teoria com uma coerência de conteúdo significativa.

Quanto ao critério da simplicidade, ou *parcimônia*, conferimos à teoria uma avaliação moderada. A precisão de seus termos é um ponto positivo, mas as descrições dos estágios psicossociais e das crises psicossociais, especialmente nos estágios mais avançados, nem sempre têm uma distinção clara. Além disso, Erikson utilizava diferentes termos e mesmo conceitos distintos para preencher os 64 quadrados da Figura 9.2. Tal inconsistência retira grande parte da simplicidade da teoria.



Conceito de Humanidade

Em contraste com Freud, que acreditava que anatomia fosse destino, Erikson sugeria que outros fatores poderiam ser responsáveis pelas diferenças entre mulheres e homens. Para mencionarmos uma parte de sua própria pesquisa, Erikson (1977) sugeria que, embora meninos e meninas tivessem modos diferentes de brincar, essas diferenças eram, pelo menos em parte, o resultado de diferentes práticas de socialização. Acaso essa conclusão significa que Erikson concordava com Freud em que anatomia é destino? A resposta de Erikson era sim, anatomia é destino, mas especificava essa afirmação para que tivesse a seguinte redação: "Anatomia, história e personalidade são nosso destino combinado" (Erikson, 1968, p. 285). Em outras palavras, a anatomia, sozinha, não determina nosso destino, mas se combina com eventos passados, incluindo as várias dimensões sociais e de personalidade, como temperamento e inteligência, para determinar quem uma pessoa se tornará.

Como a teoria de Erikson conceitua a humanidade em termos das seis dimensões apresentadas no Capítulo 1? Em primeiro lugar, será que o ciclo de vida é determinado por *forças externas* ou as pessoas têm algum poder de *escolha* para moldar suas personalidades? Erikson não era tão determinista quanto Freud, mas tampouco acreditava intensamente no livre-arbítrio. Sua opinião quanto a isso era intermediária. Embora a personalidade seja moldada em parte pela cultura e pela história, as pessoas mantêm um controle limitado sobre seus destinos. Elas podem procurar suas próprias identidades e não ser completamente limitadas pela cultura ou pela história. Os indivíduos, de fato, podem mudar sua história e alterar seu ambiente. Os dois personagens das psico-histórias de Erikson, Martin Luther King e Mahatma Gandhi, tiveram ambos uma profunda influência sobre a história mundial e sobre seus ambientes mais próximos. Do mesmo modo, cada um de nós tem o poder de determinar seu próprio ciclo de vida, ainda que o impacto global de nossas ações ocorra em uma escala menor.

Qua
forma, ot
iniciais d
em uma
de nossas
permanec
psicossoci
ser resolv
resoluções
Erik
sua visão
cas e soci
histórico
e empenh
forças cau
Erikson co
Em
consciente
gamente r
durante o
terem firm
crises e d
diante, no
parte das

A te
a anatomi
psicosexu
çam ao lor
Da mesma
com a figu

A se
versus sim
do que às
ao longo
diferenças
psicossoci
que lhe é

Termos

- O
- el
- co
- ai
- D
- si
- A
- p:

Quanto à dimensão *pessimismo versus otimismo*, Erikson tendia a ser, de alguma forma, otimista. Ainda que patologias centrais pudessem predominar sobre os estágios iniciais de desenvolvimento, os humanos não estão fadados inevitavelmente a continuar em uma existência patológica nos estágios posteriores. Embora as fraquezas no início de nossas vidas tornem mais difíceis a aquisição posterior de forças básicas, as pessoas permanecem capazes de realizar mudanças em qualquer estágio da vida. Cada conflito psicossocial consiste em uma qualidade sintônica e em outra distônica. Toda crise pode ser resolvida em favor do elemento sintônico, ou harmonioso, independentemente das resoluções passadas.

Erikson não tratou especificamente da questão da *causalidade versus teleologia*, mas sua visão de humanidade sugere que as pessoas são mais influenciadas por forças biológicas e sociais do que por suas visões do futuro. As pessoas são o produto de um momento histórico particular e de um arranjo social específico. Embora possamos estabelecer metas e empenhar-nos para alcançá-las, não podemos escapar completamente das poderosas forças causais da anatomia, da história e da cultura. Por essa razão, avaliamos a teoria de Erikson com um conceito elevado quanto à causalidade.

Em relação à quarta dimensão, *determinantes conscientes versus determinantes inconscientes*, a posição de Erikson é ambígua. Antes da adolescência, a personalidade é largamente moldada pela motivação inconsciente. Os conflitos psicosssexuais e psicossociais durante os quatro primeiros estágios de desenvolvimento ocorrem antes de as crianças terem firmemente estabelecido sua identidade. É raro estarmos claramente cientes dessas crises e das formas pelas quais elas moldam nossas personalidades. Da adolescência em diante, no entanto, as pessoas normalmente terem consciência de suas ações e de grande parte das razões subjacentes a essas ações.

A teoria de Erikson, obviamente, é mais *social* do que biológica, embora não ignore a anatomia e outros fatores psicológicos no desenvolvimento da personalidade. Cada modo psicosssexual tem um componente biológico claro. Contudo, à medida que as pessoas avançam ao longo dos oito estágios, as influências sociais tornam-se cada vez mais poderosas. Da mesma forma, o raio das relações sociais se expande a partir de uma relação simples com a figura materna para uma identificação global com toda a humanidade.

A sexta dimensão de um conceito de humanidade é a questão da *singularidade versus similaridade*. Erikson tendia a atribuir uma ênfase maior às diferenças individuais do que às características universais. Embora as pessoas em diferentes culturas evoluam ao longo dos oito estágios de desenvolvimento na mesma ordem, uma enormidade de diferenças pode ser encontrada no ritmo dessa jornada. Cada pessoa resolve suas crises psicossociais de uma forma única, e cada uma delas utiliza as forças básicas de um modo que lhe é peculiar.

Termos e Conceitos Essenciais

- Os estágios de desenvolvimento de Erikson baseiam-se em um *princípio epigenético*, o que significa que cada componente ocorre de uma forma gradual, com uma posterior construção do crescimento com base nos desenvolvimentos anteriores.
- Durante todos os estágios, as pessoas experimentam uma interação de atitudes *sintônicas* e *distônicas* opostas, o que leva a um conflito, ou *crise psicossocial*.
- A resolução dessa crise produz uma *força básica* que capacita a pessoa a seguir para o próximo estágio.

- Os componentes biológicos estabelecem um plano básico para cada indivíduo, mas uma multiplicidade de eventos históricos e culturais também molda a *identidade egóica*.
- Cada força básica apresenta um contraponto subjacente que se torna a *patologia central* daquele estágio.
- O primeiro estágio de desenvolvimento é a *primeira infância*, caracterizada pelo modo *oral-sensitivo*, pela crise da *confiança básica* versus *desconfiança básica* e pela força básica da *esperança* ou pela patologia central da *retração*.
- Durante a *segunda infância*, as crianças experimentam o modo psicosssexual *anal-uretro-muscular*; o conflito psicossocial entre *autonomia* e *vergonha*; a força básica da *vontade*; e a patologia central da *compulsão*.
- Durante a *idade do jogo*, as crianças experimentam um desenvolvimento psicosssexual *genital-locomotor*, enfrentam uma crise psicossocial entre *iniciativa* e *culpa* e apresentam a força básica do *propósito* ou a patologia central da *inibição*.
- As crianças na *idade escolar* estão em um período de *latência sexual*, mas enfrentam a crise psicossocial da *destreza* versus *inferioridade*, que produz ou uma força básica da *competência* ou uma patologia central da *inércia*.
- A *adolescência*, ou puberdade, é um estágio crucial porque o *senso de identidade* de uma pessoa deverá emergir desse período. No entanto, a *confusão de identidade* pode dominar a crise psicossocial, adiando dessa forma a formação da identidade. A *fidelidade* é a força básica da adolescência e o *repúdio de papéis* é sua patologia central.
- A *juventude*, o período compreendido entre os 18 e os 30 anos, é caracterizada por um modo psicosssexual de *genitalidade*, pela crise psicossocial da *intimidade* versus o *isolamento*, pela força básica do *amor* e pela patologia central da *exclusividade*.
- A *idade adulta* é um momento em que as pessoas experimentam o modo psicosssexual da *procriatividade*, a crise psicossocial da *produtividade* versus *estagnação*, a força básica do *cuidado* e a patologia central da *rejeição*.
- A *velhice* é marcada pelo modo psicosssexual da *sensualidade generalizada*, pela crise da *integridade* versus o *desespero* e pela força básica da *sabedoria* ou pela patologia central do *desdém*.
- Erikson utilizou a *psico-história* (uma combinação de psicanálise e história) para estudar as crises de identidade de Martin Luther, Mahatma Gandhi e outros.